

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

PARA PENSAR O TEMPO LIVRE: IMPASSES E
DESAFIOS

SOLANGE MARIA DOS SANTOS

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

PARA PENSAR O TEMPO LIVRE: IMPASSES E DESAFIOS

SOLANGE MARIA DOS SANTOS

Sob a Orientação da Professora

Dra. Rosa Cristina Monteiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de concentração em Psicologia.

Seropédica, RJ
Setembro de 2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Solange Maria dos Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em **Psicologia**.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 01/09/2014

Prof. Dra. Rosa Cristina Monteiro
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(Orientadora)

Prof. Dr. Marcos Aguiar Souza
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Luiz Otávio Neves Mattos
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Para os orientais o agradecimento é um comportamento de reverência e reconhecimento de que o outro é parte importante na construção de um conhecimento ou de uma experiência subjetiva.

Diante disso, quero, primeiramente, e com todo o requinte de subordinação, agradecer ao meu criador supremo Deus, porque me guiou até aqui, também traçando os caminhos para chegar nesta conceituada instituição de ensino UFRRJ, na primeira turma de Psicologia Social, da qual faz parte uma equipe de professores generosos e parceiros que me orientaram e apoiaram desde sempre.

Em ordem não de importância, mas em passos para chegar ao título de Mestre em Psicologia Social, quero agradecer ao professor Luciano Bispo, que sinalizou o edital deste referido mestrado e que em seus momentos de intimidade com Deus, me colocou em suas orações no sentido de me auxiliar nas fraquezas e inseguranças e ainda, como mais um passo na concretude deste sonho, agradecer ao meu coordenador pedagógico da Unigranrio Aureliano Tavares por compreender o meu afastamento e autorizar algumas ausências no trabalho.

Não poderia deixar de agradecer ao meu pai pela paciência em aturar as minhas chatices e isolamentos nos finais de semana, assim como também o incentivo de amigos como Ninon Rosy, Lucy Deccache, Alice Franco, os alunos do Portal do Futuro (grupo focal), as idosas (grupo focal) e os que fizeram parte da efetivação desta pesquisa qualitativa.

No entanto, não poderia deixar de expressar os meus mais significativos agradecimentos a minha encantadora e especialíssima orientadora Dra Rosa Cristina Monteiro que com sua sensibilidade e conhecimento teórico pode, junto comigo, viajar nesta aventura de pensar o *tempo livre* e fazer, não só essa dissertação, mas uma revolução em nossas mentes e corações possibilitando novos aprendizados em longos dias e noites de discussão e reflexão sobre os impasses e desafios na construção de novas subjetividades e sociabilidades.

DEDICATÓRIA

Dedico esse princípio do pensamento científico, que é a dissertação de mestrado, a minha mãe (em memória) que ao perceber a minha alegria e satisfação em receber o resultado de aprovado para o mestrado em Psicologia Social da UFRJ veio ao meu encontro e no seu pouco conhecimento sobre o significado e sentido que isso teria na minha vida, falou: “Estou vendo que você conquistou algo muito importante para sua vida, parabéns!” e me abraçou como um dos raros momentos de expressão de carinho.

É óbvio que não poderia deixar de dedicar este trabalho científico a todos aqueles que possam ver nesta temática uma possibilidade de criar novas sociabilidades e subjetividades.

Quero ainda aproveitar e dedicar essa realização pessoal a minha filha amada, Sophia Santana de Lima, para que ela possa perceber o quanto sua experiência de tempo livre tem me feito repensar os meus sentidos e significados na perspectiva de ver na ‘preguiça’, um bálsamo para uma vida cheia de humanização.

EPÍGRAFE

"Pobre de ti que pensas ser vencido
tua derrota é caso decidido.
queres vencer mas como em ti não crês
tua descrença esmaga-te de uma vez
Se imaginas perder
perdido estás
quem não confia em si
marcha pra trás
a força que te impede para frente
é a decisão firmada em tua mente
muitas empresas redundam num fracasso
ainda antes do primeiro passo
muitos covardes tem desistido
antes de haver a luta começado
pensa em grande e teus feitos crescerão
pensa pequeno e irás depressa ao chão
o querer é o poder arquipotente
é a decisão firmada em tua mente
fraco é aquele que fraco se imagina
olha o alto quem ao alto se destina
a confiança em si é a trajetória que te eleva ao altos símbolos da vitória
nem sempre quem mais corre a meta alcança
nem mais longe o mais forte o disco lança
Mas quem certo de si vai firme em frente com a decisão firmada em tua mente."
Se você decide, só olha uma coisa: o teu estado físico e sua saúde mental e o resto você
consegue com trabalho, ação, vontade e coragem.
Meu pai me dizia um provérbio que dizia: "esforço e arte vence a fortuna com o próprio
mártir."

Izaac Barbosa Silva
Idoso do grupo focal – 88 anos

RESUMO

SANTOS, Solange Maria dos. **Para pensar o tempo livre: impasses e desafios**. 2014. 70f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

Trata-se de um estudo teórico-metodológico sobre a significação/ressignificação do *tempo livre*, partindo das interfaces com o mundo do trabalho na contemporaneidade. O foco inicial incide sobre mudanças provenientes da reestruturação produtiva, que alteram as relações grupais e interpessoais, conduzindo a novos modos de experimentar a realidade social, especialmente na dimensão do tempo, e do que pode ser considerado *tempo livre*. A presente investigação visa estabelecer uma perspectiva de análise e interpretação de epistemologia qualitativa usando uma abordagem que segue a teoria fundamentada, a qual busca em dados históricos, sociológicos e psicológicos, o entendimento teórico necessário para compreender uma possível alteração no sentido da centralidade dos processos psicossociais ligados ao trabalho, para a emergência de novos modos de produção da subjetividade social no que se refere aos significados do tempo livre na sociedade moderna. Um trabalho empírico de maior alcance baseou-se em entrevistas com profissionais liberais, jovens em busca do primeiro emprego e pessoas aposentadas. Encontramos no desenvolvimento de grupos focais (jovens e idosos) um desdobramento complementar no mapeamento de alterações no campo das práticas e valores que definem novas “zonas de sentido” acerca dos significados de *tempo livre* para as amostras pesquisadas, assim como também, entender que esse significado poderá ser definido e redefinido através da interação social.

Palavras-chave: Trabalho; Tempo Livre; Tempo Social; Subjetividade Social.

ABSTRACT

SANTOS, Solange Maria dos. **To Think free time: impasses and Challenges.** 2014. 70p. Dissertation (Masters in Education). Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

This is a theoretical and methodological framework on the meaning of *free time*, starting from the interfaces, challenges and dilemmas with the world of work in contemporary issues. The initial focus concerns changes from the restructuring of production, altering the social and interpersonal relationships, leading to new ways to experience social reality, especially in the dimension of time and which can be considered *free time*. It is a theoretical-methodological study on the significance/reframing of *free time*, starting from the interfaces with the world of work in contemporary society. The initial focus is on changes from the productive restructuring, which alter the group and interpersonal relationships, leading to new ways to experience social reality, especially in the dimension of time, and which can be identified as being *free time*. This research aims to establish a perspective of analysis and interpretation of qualitative epistemology using an approach that follows the grounded theory in which search in historical, sociological and psychological data, the theoretical understanding necessary to understand a possible change towards the centrality of work-related psychosocial processes, the emergence of new modes of production of social subjectivity regarding the meanings of *free time* in modern society. Empirical work on a larger scale was based on interviews with professionals, young people looking their first job and retired people. Found in the development of focal groups (young and old) a supplementary unfolding in mapping changes in the field of practices and values that define new "areas of meaning" of the meanings of *free time* for the investigated samples, as well as understand that meaning can be defined and redefined through social interaction.

Key words: Work; Free Time; Social Time; Social Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Zonas de Sentido e Significados do Grupo Focal de Jovens	47
Figura 2: Zonas de sentidos e significados do grupo focal de idosos	51
Figura 3: Integração entre as zonas de sentido e significados dos jovens e idosos.....	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS.....	4
2.1	Objetivo geral:	4
2.2	Objetivos específicos:.....	4
3	DESENVOLVIMENTO TEÓRICO: A Emergência do Tempo Livre, como Tema e Problema na Psicossociologia.....	5
3.1	Tempo Livre e Trabalho	5
3.2	Tempo Livre e Novas Sociabilidades e Subjetividades.....	9
3.3	Tempo Livre e Algumas Pesquisas Atuais	14
3.4	Tempo Livre e Subjetividade Social	21
4	METODOLOGIA.....	25
4.1	Participantes da pesquisa	26
4.2	Métodos: Técnicas e Procedimentos	26
4.2.1	Entrevistas	27
4.2.2	Grupo focal.....	27
5	CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS – Zonas de sentido e significados do tempo livre na perspectiva de atores contemporâneos:	30
5.1	Entrevistas Individuais – Memorandos 1	30
5.2	Grupo Focal de Jovens – Memorando 2.....	45
5.3	Grupo Focal de Idosos – Memorando 3	50
6	DISCUSSÃO	60
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
8	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

O tempo, o tempo é versátil, o tempo faz diabruras, o tempo brincava comigo, o tempo se espreguiçava provocadoramente, era um tempo só de esperas, [...] era um tempo também de sobressaltos, me embaralhando ruídos, confundindo minhas antenas, me levando a ouvir claramente acenos imaginários, me despertando com a gravidade de um julgamento mais áspero, eu estou louco! (Raduan Nassar)

Um relógio, um pêndulo, um sino ou sinal que nos desperta para algo, alguém ou alguma coisa. Dentro-fora, eu-outro, tempo, temporalidades, lembranças, perspectivas, agora. Palavras que demandam uma ação, um pulsar, um viver...

Toda vez que se pensa a evolução humana, é inevitável pensar na estruturação do tempo... Contudo, o advento do capitalismo e o desenvolvimento tecnológico provocaram transformações radicais nas experiências e nos modos de viver humanos, possibilitando a análise e vivência de um tempo que adquiriu um caráter de instantaneidade.

A aceleração característica da modernidade, o avanço tecnológico, a possibilidade de experiências em tempo presente conduziram a cultura a um domínio ainda não suficientemente mapeado e explorado, onde hábitos aprendidos e consolidados em longas gerações perderam a utilidade e o sentido (Baumann, 2002).

A história sobre o tempo ganhou novos recortes com o avanço tecnológico que configurou duas experiências originais para a existência humana: o espaço virtual e o tempo real. A ubiquidade, outrora considerada uma magia, passou a realizar-se no aqui e agora da vida das pessoas, a partir da possibilidade de comunicações instantâneas e interações em rede de espaços separados fisicamente.

No período chamado moderno, caracterizado pelas sociedades industriais, e que durou aproximadamente dois séculos (1800-2000), o tempo foi considerado uma mercadoria entre outras. Seu valor intrínseco esteve associado, nesse período, ao trabalho, necessitando ser medido, quantificado e precisamente regulado. Certas transformações ocorreram em períodos recentes: a vida humana no Ocidente passou a registrar um aumento progressivo da longevidade, o desenvolvimento tecnológico acelerou-se de modo exponencial, o desemprego tornou-se estrutural, acentuou-se a

busca de redução da jornada de trabalho, o que nos orienta para um deslocamento da centralidade do trabalho para outras necessidades.

Elias (1998), em um clássico estudo sobre o tempo, disserta atentamente sobre a diferença entre o tempo físico e tempo social, ou em outras palavras, entre a maneira de determinar o tempo com referência à natureza ou com referência à sociedade.

A ênfase no trabalho criou padrões de ação, pensamento e sentimento que estruturam toda a vida social, inclusive no que se refere à apropriação do tempo, ou construção do tempo social, ditando o modo como os indivíduos organizam suas atividades e um possível tempo para si.

Com o deslocamento, ou, pelo menos, com o enfraquecimento da ênfase no trabalho, os padrões foram abalados e, conseqüentemente, a organização pessoal e social do tempo foram desestruturados. Aqui já se apresenta um problema com respeito à possibilidade de experimentar um tempo, que implica não mais uma lógica linear e cronológica, mas uma complexidade de relações sociais onde o tempo livre poderá não estar mais totalmente subordinado ao trabalho.

A partir dessas alterações pessoais e sociais são colocados alguns desafios e impasses sobre a qualidade social do tempo. Quais os significados e ressignificados que emergem a partir da conquista de tempo livre de indivíduos e coletivos? Quais as conseqüências na vida das pessoas dessa nova relação: tempo de trabalho, tempo livre? Haverá uma reapropriação do tempo no sentido de produção de outras subjetividades?

A presente pesquisa pretende mapear e explorar as mudanças relacionadas ao cotidiano das relações humanas, usando como categoria de análise a emancipação do tempo em relação ao trabalho. As questões apresentadas apontam para problemas que não se definem no campo da administração do tempo livre, procurando focalizar possíveis implicações psicológicas, sociais e culturais, carentes ainda de uma compreensão sensível e abrangente. Nosso objetivo é produzir um ensaio teórico-metodológico, que acrescente argumentos e dados empíricos às leituras do tempo livre, em seus múltiplos significados e sentidos pessoais e coletivos.

Ao realizar os primeiros levantamentos bibliográficos na linha de estudos psicossociais sobre o tempo livre, encontramos a possibilidade de apontar três tendências: a) a primeira ilustra a insistência do trabalho como processo psicossocial central, sem a ressignificação do tempo livre; b) na segunda alternativa dispõe-se, hoje, de uma pletora de artigos e pesquisas que se referem à utilização do tempo e aos

empreendedorismos do tempo livre trata-se, portanto, da apropriação do tempo livre pelas práticas do ócio pelo lazer (fabricado), no marco do capitalismo vigente; c) a terceira tendência apresenta abordagens do tempo livre como elemento de liberação e emancipação.

É na terceira linha de investigações que se inscreve a presente pesquisa, na busca de situações em que uma reflexão sobre o tempo livre aponte para uma vida dotada de sentidos e significados fora do trabalho, desenvolvendo, sobre bases inteiramente novas, um projeto de sociedade e sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente.

A pesquisa visa identificar e analisar a produção de significados e sentidos em torno do tempo livre e tem como perspectiva um processo que ocorre dentro de uma realidade social definida - populações urbanas de sociedades altamente industrializadas. A apreensão da variável central se torna possível através da integração de redes conceituais e bases de dados empíricos.

Trata-se de uma investigação que se desenvolve na interface entre dois domínios disciplinares fortemente entrelaçados: a sociologia e a psicologia. O foco incide, em primeira instância, sobre a relação trabalho-tempo livre e nos remete a autores que teorizam no campo da sociologia; em seguida, com o propósito de localizar zonas de sentidos relativas a experiências de liberação de tempo de trabalho, nossos esquemas conceituais se voltam para o campo da investigação psicológica, trazendo as noções de subjetividade e subjetividade social. Os dados são analisados na interseção entre esses dois campos.

A pesquisa é desenvolvida na perspectiva da epistemologia qualitativa, utilizando como métodos de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas individuais e grupo focal. A utilização dos grupos focais se justifica na medida em que seu objetivo é, precisamente, evidenciar as contribuições do conhecimento científico na captura da realidade no que tange à experiência e o entendimento dos grupos em questão (jovens e idosos) a propósito do tempo livre. Ao nos oferecer a possibilidade de obter uma aproximação com sujeitos que desvelem vivências e experiências, possibilita o registro das perspectivas dos participantes, inscrevendo-as numa totalidade concreta, ou seja, a vida e o tempo livre.

2 OBJETIVOS.

2.1 Objetivo geral:

Ampliar o entendimento a respeito dos significados do tempo livre e a configuração de subjetividades sociais, à luz de enunciados produzidos por indivíduos e grupos de uma sociedade moderna pós-industrial.

2.2 Objetivos específicos:

- Apresentar e desenvolver a noção de tempo livre, a partir de referências teóricas selecionadas.
- Descrever o campo semântico e as zonas de sentido formados pelos significados atribuídos ao tempo livre, por diferentes atores sociais.

3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO: A EMERGÊNCIA DO TEMPO LIVRE, COMO TEMA E PROBLEMA NA PSICOSSOCIOLOGIA

“Problema abissal do tempo” – Tempo uniforme absoluto infinita séries de tempo, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades. Não existimos na maioria desses tempos – Essas pessoas eram artefatos e multiformes noutras dimensões de tempos.”(Jorge Luis Borges).

3.1 Tempo Livre e Trabalho

A divisão social do tempo, tal qual conhecemos hoje, entre tempo de trabalho e tempo livre, em um primeiro momento parece ter sido implementada pelo desenvolvimento técnico industrial da modernidade, pelo ritmo das metrópoles e pelo ritmo do sistema capitalista.

A primeira fonte de sentidos para abordar o tempo livre como tema e problema deve ser buscada na importância da categoria trabalho, tal como informado por Karl Marx¹: trabalho como um universo de significados, cujas transformações históricas trazem implicações aos modos de viver e subjetivar - formas de pensar, refletir, valorar.

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre o homem e natureza e, portanto, da vida humana. (Marx, 1988, p.50)

¹ Esta referência inicial à Marx é imprescindível em nossa apresentação em função de nossa linha argumentativa.

Por volta dos séculos XVII e XVIII, uma noção linear e padronizada do tempo se desenvolveu, acompanhando em paralelo a uma concepção de trabalho articulada no interior da sociedade industrializada, conforme o modo de produção capitalista. De acordo com a divisão social do trabalho, a organização e orientação efetiva de todas as instâncias da vida passou a ser determinada pelo relógio. *“O pequeno instrumento, que agora regulava os novos ritmos da vida industrial, era também uma das mais prementes das novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para o seu progresso”* (Thompson, 1991, p.56). Constata-se, desde o início do capitalismo, que a questão de medir o tempo pode ser analisada como um meio categórico de exploração do trabalho humano.

Estando a economia capitalista voltada à maximização de lucros, a produtividade máxima *“é obtida pela procura das condições que permitem produzir a maior quantidade possível de determinados produtos com o máximo de energia humana que possa ser obtido com o mínimo salário (do capital variável)”*. (Gorz,1980, p. 228)

Contrapondo-se ao capital, que procurou converter esse tempo em tempo de consumo produtivo, o trabalhador procurou apropriar-se de seu tempo livre. Dessa forma, esse tempo assumiu fundamental importância na luta dos trabalhadores na medida em que criou a base de subtração do tempo de trabalho ao trabalho desumano. Se as lutas travadas pelos operários são tidas como lutas quantitativas, no sentido da redução da jornada de trabalho, elas revelar-se-ão como lutas qualitativas, à medida que produziram uma mudança na qualidade das relações de classe e mesmo no acesso às riquezas materiais e intelectuais (Gorz, 1980).

Apesar da reestruturação nas relações de trabalho, segundo Kurz (2000), em vastas áreas do mundo continuam prevalecendo as jornadas de trabalho extremamente longas dos primórdios do capitalismo e, mesmo nas metrópoles ocidentais, a jornada real de trabalho foi reduzida apenas em certa medida, muito aquém dos ganhos de produtividade.

Crescem, consideravelmente, as exigências de desempenho nas empresas. Esta medida, quando não prolonga as jornadas, acaba promovendo uma grande intensificação no próprio tempo de trabalho, um aspecto nem sempre mensurável e contido nas abordagens que insistem em afirmar que o tempo livre vem aumentando nas sociedades contemporâneas (De Masi, 2000).

Um trabalhador contemporâneo, cuja atividade seja altamente complexa e que cumpra um horário de 8 horas por dia, trabalha, na verdade, muito mais tempo real do que alguém de outra época, que estivesse, por exemplo, sujeito a um horário de 14 horas diárias, mas cujo trabalho tinha um baixo grau de complexidade. A redução formal de horário corresponde, pois, a um aumento real do tempo de trabalho despendido durante este período (Antunes, 1999).

A jornada de trabalho não apenas se expandiu, mas criou-se o que Kurz (2000) denomina ditadura do tempo abstrato. À medida que todas as atividades da produção passaram a se referir à abstração comum do dinheiro², surgiu a moderna categoria do trabalho como generalização social abstrata, à qual a totalidade da vida é subordinada (necessidades básicas). A sujeição das atividades concretas à abstração do dinheiro também tornou abstrato o tempo deste novo trabalho generalizado na sociedade. Fazia-se necessário expurgar do tempo todos os elementos disfuncionais, tendo em vista a finalidade capitalista em si: ‘tempo é dinheiro’ (Kurz, 2000).

Os contínuos progressos da técnica e da ciência apontavam não somente uma liberação do esforço no trabalho³, mas também com a valorização do tempo livre que seria acompanhado de mais informação, mais comunicação, mais política, mais desenvolvimento humano. Em outras palavras, um mundo melhor. Análises empreendidas recentemente revelam que a realidade é diferente (Santos, 2000).

O capital não abre mão de suas próprias finalidades e é ilusório pensar que a autonomia do trabalhador será conquistada sem uma luta cotidiana contra as condições adversas impostas pelo capitalismo. A possibilidade de superar a exploração no trabalho e apropriar-se do próprio tempo, não está dada pelo capital, que segue tomando posse de todo o tempo do trabalhador.

No capital, dinheiro gera mais dinheiro, trabalho gera mais trabalho e é improvável, se não impossível, que menos trabalho possa resultar em qualidade de vida para o trabalhador.

Sobre a importância do trabalho na modernidade Zygmunt Baumann afirma:

²Para Kurz este deixou de ser um meio, para adquirir uma finalidade abstrata por si, isto é, ser transformado em mais dinheiro.

³O capitalismo fraciona o trabalho mediante mais produção por pessoa e por unidade de tempo.

Quaisquer que tenham sido as virtudes que fizeram o trabalho ser elevado ao posto de principal valor dos tempos modernos, sua maravilhosa, quase mágica, capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório certamente está entre elas. Graças a essa capacidade, foi atribuído ao trabalho um papel principal, mesmo decisivo, na moderna ambição de submeter, encilhar e colonizar o futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pela previsível (e, portanto controlável) sequências dos eventos. Ao trabalho foram atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos, como, por exemplo, o aumento da riqueza e a eliminação da miséria; mas subjacente a todos os méritos atribuídos estava a sua suposta contribuição para o estabelecimento da ordem, para o ato histórico de colocar a espécie humana no comando de seu próprio destino. (2001, p. 157)

Para Bauman (2001) o trabalho elevado ao posto de principal valor dos tempos modernos assim compreendido era a atividade em que se supunha que a humanidade como um todo estava envolvida por seu destino e natureza, e não por escolha ao fazer história. E o trabalho assim definido era um esforço coletivo de que cada membro da espécie humana tinha que participar.

A prática de um trabalho dividido conduz a um homem unilateral⁴, excluído da possibilidade do prazer e do consumo dos bens materiais e espirituais que produz.

Gaudêncio Frigotto (2000) alerta para uma contradição que salta aos olhos. Como entender e explicar essa era na qual a humanidade teve tanta capacidade científica e técnica para satisfazer as necessidades humanas e diminuir o tempo de trabalho necessário e, perversamente constatar que:

(...) chegamos ao século XXI com dois terços da humanidade excluídos e sem atenderem sequer as mínimas necessidades biológicas, e com uma extraordinária expansão de desemprego

⁴ Entendendo que o trabalho seria a esfera mais importante e central das necessidades humanas.(Frigotto, G., 2000, p.31)

estrutural e subemprego, libertação de um tempo torturado e de sofrimento. (Frigotto, 2000, p.31)

A luta pela redução da jornada de trabalho (que, aparentemente, parece provocar o aumento do tempo livre) é justa, mas não é suficiente para promover a dignidade humana caso a lógica injusta e excludente do capital não seja enfrentada e modificada. Cabe lembrar que é esta mesma lógica que vem anunciando que o desemprego é fruto da falta da necessidade de trabalho humano quando, na verdade, ele é o indício de um problema muito mais complexo: a deterioração das relações de trabalho, com níveis absurdos de exploração. Nesses termos, o trabalho continua sendo não apenas necessário, mas imprescindível para o êxito do capital. Embora alguns autores afirmem que, na sociedade contemporânea o tempo livre venha sendo substancialmente ampliado, na realidade, ele representa um elemento cada vez mais ausente na vida das pessoas.

Neste caso, o tempo livre foi constituído como um resíduo da jornada de trabalho, como um tempo vago desprovido de conteúdo ou significado próprio. O mundo do trabalho, tal como representado na modernidade, desconsidera a importância do tempo livre no desenvolvimento da individualidade e identidade do homem. Nossas observações assistemáticas e experiências cotidianas indicam que é comum a sensação de vazio em situação de desemprego ou de aposentadoria. O que sugere uma desconexão e obscuridade entre as verdadeiras e autênticas expectativas do sujeito, tanto no tempo do trabalho quanto no tempo livre, onde a alienação que se processa no trabalhador, resultante de um trabalho que não o humaniza, expande-se também sobre o tempo livre. Portanto, o foco posto agora na questão do tempo livre, aporta outros argumentos.

3.2 Tempo Livre e Novas Sociabilidades e Subjetividades

De um outro lado, tempos novos. Tempos a indicarem coexistências, a enaltecerem o aqui e agora. Tempos atravessados por velocidades extraordinárias que banalizam as trajetórias do sujeito e que sem dúvida, necessitam de novas compreensões. Partindo desta observação Antunes nos adverte que:

(...) o tempo disponível, do ponto de vista do trabalho voltado para a produção de coisas socialmente úteis e necessárias, propiciará a eliminação de todo o trabalho excedente acumulado pelo capital e voltado para a produção destrutiva de valores de troca. (Antunes, 1995, p.49)

O termo tempo livre, contemporaneamente, vem carregado de senso comum e se confunde e se aproxima com o conceito de ócio, sendo ambos compreendidos a partir de uma relação com a liberdade.

O trabalho e o tempo livre começam a se intercalar no cotidiano do indivíduo e tornam-se difíceis de serem apreendidos separadamente, pois possuem intrínsecas relações. É curioso perceber que, em sociedades onde a industrialização não foi hegemônica, essa relação do caráter lúdico e criativo, que hoje se associa ao tempo livre, está presente em atividades laborais que não compõem o modelo industrial de produção.

Dumazedier, um sociólogo estudioso do lazer desde os anos 50, propõe que no tempo livre inventam-se modelos de relações que obrigam todas as relações institucionais a serem mais criativas, mais imaginativas e renovadas. É o tempo para a busca de uma “*sociabilidade viva*”. (Dumazedier, 1994, p. 64). Segundo o mesmo autor, repousa no tempo livre a expressão autônoma da individualidade, expressão esta que se desdobra em práticas e valores sociais de um tempo escolhido. Portanto, o tempo livre como fenômeno contemporâneo é resultado de transformações intensas que incidiram sobre o mundo do trabalho, as quais imprimiram um novo formato sobre o tempo dedicado ao trabalho e ao não trabalho.

Neste sentido, podemos evidenciar a amplitude do tempo liberado do trabalho no decorrer da vida, na passagem da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. Para De Masi, o tempo livre “*prevalece sobre o tempo de trabalho*”. (De Masi, 1999, p. 221).

É da libertação do tempo que devia ser dedicado ao trabalho, que emerge a noção do tempo livre, na qual deverão estar implicadas as variáveis liberdade e autonomia no sentido de devolver ao trabalhador a sua condição de constituir-se como sujeito e senhor do seu próprio desejo, realidade negada pela organização produtiva capitalista.

Nessa possibilidade de experimentar esse tempo livre estariam as condições para se refletir e conhecer as causas reais da situação de alienação, e a necessidade histórica de superá-la numa busca de novos valores e novas subjetividades.

Segundo De Masi (2000) o tempo livre corresponde a 9/10 da vida humana nos dias de hoje onde existem máquinas que nos permitem economizar o tempo, como o telefone e o avião, e outras que nos permitem enriquecê-lo, como o rádio; há como programá-lo, como as agendas eletrônicas; e estocá-lo, como as secretárias eletrônicas. “Logo, nós herdamos uma tecnologia extremamente sofisticada que nos permite fazer cada vez mais produtos, sempre com menos esforço físico” (p.136). O autor insiste em pensar o caráter desinteressado e não utilitário do tempo livre, buscando condições de uma liberação pessoal mais profunda de sensações, sentimentos, desejos e, ao mesmo tempo, de uma identificação social mais espontânea e mais renovada.

Pesquisas atuais sinalizam e despertam a atenção para a questão de que a maioria das pessoas não está preparada para uma experiência concreta do tempo livre. Precisamos observar que na contemporaneidade esta experiência está cada vez mais fluida, remetendo a condições de isolamento e afastamento das relações afetivas e integradas.

Encontramos em Latouche (2009) algumas reflexões pertinentes e que merecem os devidos destaques, no que tange pensar uma outra lógica de trabalho e uma outra possibilidade de viver o tempo livre e, por isso, subjetivá-lo.

A satisfação das necessidades de uma arte de viver convivial para todos pode se realizar a partir de uma diminuição sensível do tempo de trabalho obrigatório, dado o tamanho expressivo das “reservas”. Pois, durante séculos, os ganhos de produtividade foram sistematicamente transformados em crescimento do produto e não em decréscimo do esforço. (Latouche, 2009, p.112)

A saída apontada por Latouche (2009) consiste na reconquista de um tempo pessoal, qualitativo, lento e contemplativo, liberado do produto. Evocando Hannah Arendt, o autor propugna a revalorização da obra do artesão e do artista, assim como a ação propriamente política. Citando André Gorz, ele valoriza uma *política do tempo* que inclua a reorganização do ambiente de vida, da política cultural, da formação e da

educação, com mais espaço para a autogestão, ajuda mútua, a cooperação e a autoprodução voluntária. (Gorz, 1982).

Esta forma de pensar ecoa aspectos há mais tempo colocados por Paul Lafargue⁵, em seu elogio à preguiça. *O Direito à Preguiça* foi escrito no final do século XIX, em 1880. O autor pensava em intitulá-lo como o direito ao lazer ou o direito ao ócio, porém escolheu a preguiça como crítica à religião do trabalho e ao credo da burguesia. O texto é um painel da sociedade burguesa, uma denúncia ao trabalho alienado e aos valores burgueses do consumo e da mercadoria. Um texto marcado pela história política e econômica, mas também pela ética, em uma sociedade condenada ao trabalho.

A produção de mercadorias, para além do tempo socialmente necessário, gera a superprodução e alimenta a lógica do consumo. É nesse contexto que, segundo Chauí (1999), Lafargue denuncia o trabalho assalariado, aposta na redução da jornada de trabalho através da automação, e vê na preguiça um bálsamo para as angústias humanas.

Os escritos de Lafargue trazem uma reivindicação pertinente e questionadora que é a mesma que fazemos nesta dissertação. Houve muitas transformações no mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo, entretanto, o homem não se libertou da alienação do trabalho e nem conquistou a sociedade da abundância, a única na qual, para Lafargue os seres humanos poderiam recuperar o trabalho como ação criadora. (Chauí, 2000)

Como descreve Lafargue, de uma maneira muito atual, a lógica capitalista vai tentar controlar as conquistas sobre esse tempo no sentido de recuperá-lo para a manutenção da exploração do capital. Assim também, dita necessidades outras, no sentido de controlar esse mesmo tempo livre numa perspectiva de industrialização do gosto, do lazer, da cultura e até das artes. Deixando de se preocupar com uma vivência

⁵ Paul Lafargue (1999) foi o primeiro a chamar atenção do operariado para a disseminação, pela ideologia burguesa, daquilo que ele chama de “religião do trabalho”, uma tentativa indiscriminada de impedir a preguiça e condicionar os homens à servidão, enquanto a fome, as pestes e as dores do trabalho se abatiam sobre o conjunto dos trabalhadores. Nesse sentido, clama pelo direito do trabalhador ao tempo livre, dedicado às alegrias, aos prazeres da preguiça e ao necessário desenvolvimento de suas capacidades intelectuais em si mesmas.

do próprio tempo livre, como um espaço para a realização humana pelo direito de fruir de todos os seus bens e prazeres⁶.

Em uma polaridade ainda mais radical, no que se refere ao trabalho, e conseqüentemente, ao modo de experienciar o tempo, encontra-se a produção recente de Robert Black, autor anarquista norte-americano, para quem o tempo livre é um eufemismo, considerando o valor produtivo.

Para Black (2012), o trabalho pode ser radicalmente eliminado, na medida em que representa o sofrimento, e a fonte de grande parte da miséria no mundo. Em uma análise minuciosamente detalhada e referenciada, alimentada por dados estatísticos relativos à forte incidência de doenças ocupacionais, o autor propugna uma sociedade lúdica, pautada pelo divertimento e a criação permanente. *“O divertimento é o oposto do trabalho. Ele é sempre voluntário... Quando é forçado, é trabalho... O trabalho troça da liberdade.”* (p.10)

Com respeito às vicissitudes do trabalho em nossas sociedades, Black assim se expressa:

Estamos tão ligados ao trabalho que nem sabemos o mal que nos faz. [...] O trabalho irá troçar das nossas aspirações humanistas e democratas e ocupar muito do nosso tempo. Por causa do trabalho, pouco importa o gênero ou o tipo, estamos sempre a olhar para o relógio. A única coisa livre, a que chamamos tempo livre, é o tempo que nada custa ao patrão. Aquilo que designamos “tempo livre” é, a maior parte das vezes, o momento em que nos preparamos para voltar, ir e retornar ao trabalho e dele recuperar. (Black, 2012, p.17)

Para Black *“o divertimento é a única ocasião em que o homem realiza sua capacidade humanitária ao dar pleno “divertimento” a ambas as partes da sua dupla natureza: pensar e sentir.”* (Black, 2012, p.18)

A discussão que o autor anarquista apresenta chega ao limite de propor a abolição do trabalho, o que se configura para nós como o maior impasse e desafio para a questão do tempo livre. A saída requer uma abordagem sob dois pontos de vista distintos: “o quantitativo e o qualitativo. No que diz respeito ao aspecto quantitativo,

⁶ CHAUI, Op. Cit., p.56

temos de reduzir drasticamente a quantidade de trabalho que está a ser feita.” Do ponto de vista qualitativo, “temos que agarrar o que é importante fazer e transformar essa atividade numa agradável variedade de divertimento, arte e passatempo.” (Black, 2012, p.23)

Uma outra perspectiva radical na análise do tempo livre é encontrada em Offe (1994), quando discute a “abolição” do trabalho, trazendo à tona a heteronomia e autonomia do trabalho, ou seja, a heteronomia, na lógica capitalista, destaca o trabalho como único meio capaz de suprir as necessidades humanas objetivas e a autonomia, em sua contrapartida, resgata outras possibilidades de suprir as necessidades humanas inerentes a condição do trabalho, neste sentido, objetivas e subjetivas.

3.3 Tempo Livre e Algumas Pesquisas Atuais

No decorrer deste estudo levaremos em consideração que o tempo, na constituição da nossa humanidade, parece uma exigência da qual ninguém escapa. É importante ressaltar que o tempo não deverá ser pensado e compreendido como uma existência em si, mas como “nexo” de acontecimentos em meio aos quais os homens vivem e fazem parte, logo o tempo é experiência. (Elias, 1998),

Um dos principais cenários analíticos para o entendimento de tempo livre pode ser resgatado nas pesquisas produzidas por Munné (1980)⁷, que construiu uma tipologia do tempo social a partir de quatro delimitações: tempo psicobiológico; tempo socioeconômico; tempo sociocultural e tempo livre.

O primeiro tipo – psicobiológico - é experimentado e controlado pelas necessidades naturais primárias dos sujeitos como o comer, dormir, crescer e outros, como uma vivência de tempo muito singular e único; o tempo socioeconômico se refere ao tempo administrado na solução dos problemas e necessidades de sobrevivência na sociedade, caracterizado pelas atividades laborais, atividades familiares, pelos estudos, enfim, pelas exigências sociais; o autor pontua que esse tempo é experimentado por condições mais externas, da ordem do coletivo; assim sendo, o controle desse tipo de tempo está numa integração com a alteridade. No terceiro tipo, tempo sociocultural, o

⁷Abordagem também ilustrada como prólogo (Perspectivas do tempo livre na contemporaneidade) de José Clerton Martins, 2012, p.7. Livro “Tempo Livre e Lazer na Adolescência – Promoção da saúde, intervenção e pesquisa”.

que está em jogo são os compromissos normativos e de participação e integração na sociedade.

Quanto ao quarto tipo, denominado de tempo livre, o autor indica que ele está intimamente relacionado às atividades que sofrem pouca intervenção externa. Nesse tempo prevalece o uso da autonomia e liberdade na busca da criação e recriação das possibilidades de fruição do seu tempo.

É neste ponto que o conceito de tempo livre trazido por Munné (1980) interessa particularmente em nosso estudo, na medida em que aponta para um tempo que deverá ser usufruído de maneira cada vez mais dependente do desejo do sujeito – autocondicionamento - e livre das amarras do social – heterocondicionamento. Isso deverá constituir um tempo social investido de desejo, sem deixar de levar em consideração sua relação com o outro, na busca incessante de um equilíbrio pessoal e social.

Considerando a tipologia desenvolvido por Munné (1980), o problema aqui levantado conduzirá a experiência do tempo livre a processos psicológicos de reflexão e criação mais intensos e singularizados. Precisamos estar atentos pois no momento atual, o consumismo pode se apresentar como fator que termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando e empobrecendo-o de significados⁸. Alguns dos novos significados atribuídos ao tempo, acabam por projetar a noção de um tempo milimetrado que foge ao controle humano, um tempo de impermanência, que acarreta o empobrecimento psicológico e emocional das pessoas, como explica Santos (2000). É, assim, um tempo cronometrado que apenas corre e, justamente por isso, não é compreendido, não é vivido, e muito menos usufruído pelos sujeitos sociais que o constituem.

Na sociedade pós-industrial é tão internalizada a questão da determinação do tempo (sentir e medir o tempo), no que Elias vai chamar de “consciência onipresente do tempo”, que pensar uma outra lógica de percepção e vivência do mesmo parece estranha e não compartilhada de experiências de caráter social.

Nas contradições que se processam entre o tempo de trabalho e o tempo livre, no modo de produção em análise, o tempo livre reveste-se de um valor imensurável, no

⁸Este argumento será melhor desenvolvido e fundamentado ao longo do trabalho a ser realizado, sendo um dos principais operadores da rede conceitual em construção.

sentido de não mais implicado na alienação que o tempo de trabalho produz, mas dedicado à liberdade, oferecendo para o trabalhador a possibilidade de exercer a posse desse tempo e empregá-lo no atendimento daquelas coisas que vêm a ser as suas necessidades de homem integral e complexo.

Assim sendo, para o entendimento e compreensão do tempo livre, devemos pensar que o caráter revolucionário da redução do trabalho vem do fato de que esta é condição para o desenvolvimento da personalidade individual e da coletividade, para o livre agir, para o florescimento da liberdade, da criatividade e da solidariedade. As propostas dos autores contemporâneos acerca do tempo livre estão baseadas num novo projeto de organização societária que supere a visão de um trabalhador submisso e autômato em sujeitos de transformação para quem a experiência do tempo livre estaria inerente a um tempo que constrói a liberdade, tempo que emancipa o indivíduo, que cria possibilidades para a coletividade crescer, desenvolver-se humanamente.

Ao visar, na investigação, a definição de novos modos de pensar e sentir, atravessamos o campo mais diretamente marcado da sociologia, para aprofundarmos a questão psicológica, que apresentamos em nossos objetivos como questões ligadas à subjetividade. Na relação tempo livre e subjetividade encontramos pesquisas recentes realizadas no Brasil, porém as noções encontradas nas diversas pesquisas dificilmente remetem à mesma definição e por isso merecem algumas análises.

No desenvolvimento das teorias marxistas de Bloch, Albornoz (2012) retrata a subjetividade, relacionando-a às capacidades de imaginar e sonhar próprias da condição humana, entendendo ainda que o humano e a humanização representam a ponte entre a natureza e a cultura, em um projeto sempre incompleto e aberto à autoconstrução. Seu trabalho representa um ensaio teórico de grande densidade, onde a conquista do tempo livre representaria uma possibilidade de humanização que soa quase religiosa. Uma possibilidade mais do que emancipadora, mas no limite, redentora. O texto se refere várias vezes a promessas e associa a tais promessas a figura bíblica do Jardim das delícias, do Eden, onde não se conhece o trabalho e o excesso de esforço físico. Refere-se também à poesia, quando evoca a Pasárgada, de Manoel Bandeira, e seu remetimento ao signo de um país liberto do trabalho. Há um humanismo clássico que atravessa o texto quando se entende o tempo livre como condição, oportunidade, convite para o aperfeiçoamento e progresso, em um sentido integral de humanização. “A redução do

tempo de trabalho e as novas possibilidades de tempo livre e lazer aproximam a humanidade do que sonharam as utopias” (Bloch, Alborno, 2012, p.5).

Outro artigo analisado é de autoria de Aquino & Martins (2007), que em suas reflexões teóricas sobre tempo livre, ócio e lazer apontam para a produção de novas subjetividades. A axiomática dos autores coincide com a nossa, na medida em que também questionam a possibilidade que o trabalho tenha perdido a sua centralidade como atividade estruturante da vida social, finda a modernidade. Para os autores a questão é saber se o ócio está contemporaneamente ocupando este lugar estruturante: “seria o ócio a atividade que ocuparia na sociedade pós-industrial o lugar que foi ocupado pelo trabalho na sociedade industrial?” (Aquino & Martins, 2007, p.481)

Também em comum com nosso desenvolvimento teórico, encontra-se no artigo de Aquino e Martins uma referência decisiva à Munné, no campo da sociologia. No artigo em análise a expressão tempo livre já está carregada de subjetividade, em sua própria concepção, na medida em que o significante livre é entendido como a necessária liberdade de um indivíduo que se constitui como sujeito, desalienando-se. É próprio da alienação ter todo o tempo apropriado pelas relações de produção sob o capitalismo.

Ao evoluir em busca de associar o tempo livre a variáveis definidas no domínio da subjetividade, o artigo articula tempo livre e ócio, qualificando dois tipos de ócio – negativo e positivo, ou seja, negativo associado à passividade, sem energia e associando ao último tipo, uma potência emancipadora, ao ser uma experiência “*que nos ajuda a nos realizar, nos conhecer, nos identificar, nos sentir melhores, sair da rotina, fantasiar e recuperar o equilíbrio das frustrações e desenganos.*” (Cuenca, apud Aquino & Martins, 2007, p.494)

Apesar do interesse teórico e do valor sistematizado da análise feita pelos autores, que inclusive se referem a uma *Declaração de direito ao ócio* como documento que atesta a necessidade de pensar o tempo livre como um direito do ser humano e um recurso de desenvolvimento pessoal, assegurando saúde e bem-estar, a pesquisa não chega a conceitos científicos e definições operacionais.

Com um desenvolvimento teórico e reflexão muito próximos do trabalho anterior, apresenta-se o artigo de Balestra (2014), para quem novas formas de sociabilidade devem ser buscadas no tempo livre, entendido como tempo de não trabalho, para assegurar que a criatividade e a criticidade emerjam como características de pessoas que poderão finalmente entender que “não é possível aceitar qualquer

justificativa, seja de ordem religiosa ou econômica, que possibilite o entendimento de que o homem nasceu para sofrer.” (Balestra, 2014, p. 15) Mais uma vez trata-se de um estudo que se torna demasiadamente vago quando entra na dimensão da subjetividade, apontando para saídas de difícil apreensão no plano conceitual e operacional, como, por exemplo, a menção ao “exercício de atividades edificantes.” (p.15)

Os estudos teóricos são os mais frequentes como resultados de nossa busca pela relação tempo livre e subjetividade, e podemos, para seguir adiante com o repertório que avaliamos, mencionar Boeira (2004), que apresenta sobre os outros trabalhos mencionados até aqui a vantagem de argumentar frente às mudanças no mundo do trabalho promovidas pela variação do capitalismo em sua fase de acumulação flexível. O autor enxerga na contemporaneidade a possibilidade de constituir novas sociabilidades no tempo livre, desde que elas sejam desvinculadas da lógica do mercado. Retifica-se neste caso que estamos diante de uma argumentação que é bem fundamentada no plano sociológico e que, ao passar para o domínio da psicologia, mencionando e dissertando sobre a subjetividade, adota um tom e um estilo filosóficos, quase metafísicos, ao referir-se de modo abstrato e universal, a “*tempos mais humanizados*”, ou “*tempo livre como aquele no qual o homem age por uma necessidade que ele mesmo teve condição de criar e gerar, conforme a sua vontade...*” (Boeira, 2004, p. 132)

Ainda no campo teórico, podemos citar Mansano (2009), que entende por subjetividade a capacidade para tomar decisões e a habilidade para enfrentar situações inéditas e imprevisíveis, representando a articulação entre o pensar e o fazer. Já para Sarriera et alli (2012), a subjetividade é investigada através da dissonância entre as crenças e os conhecimentos sobre o tempo livre; Snelwar, Uchida & Lancman (2011) incluem, sob a noção de subjetividade, o conjunto das faculdades intelectuais, psicossensório-motoras, psicoafetivas de aprendizagem e de adaptação, quando mobilizadas enquanto meios de defesa para evitar constrangimentos físicos e psíquicos, ou seja, quando mobilizadas para enfrentar a iminência de sofrimento. Uma das abordagens mais fundamentadas da subjetividade em pesquisas, sobre trabalho e tempo livre, encontramos em Tommaselli (2014), quando o autor se remete ao decisivo livro de Theodor Adorno, *Tempo Livre*. Na perspectiva de Adorno (Tommaselli, apud Adorno, p. 13) e de sua crítica radical à indústria cultural, os processos de subjetivação se apresentam sob uma dupla condição: subordinação ou liberdade. Os principais efeitos

da subordinação sobre a subjetividade são o atrofiamento da fantasia e da capacidade criativa. Por vias de um trabalho inconsciente, a impossibilidade de tomar decisões e a adoção de rotinas repetitivas e muito repetidas, ainda quando aparentemente geradas por uma vontade livre, culminam na produção do tédio – principal traço das subjetividades modernas. Apesar do grande interesse despertado pela definição de Adorno, este referencial não pareceu viável no escopo do presente trabalho, cujo tempo de realização esteve definido por um prazo de 18 meses, na medida em que exigiria um esforço de produção de dados e interpretação em contexto psicanalítico de longa duração.

Uma contribuição à pesquisa empírica encontramos no trabalho de Araujo e Ouriques (2009). Os autores são críticos radicais das condições de trabalho nas sociedades modernas, apontando-as como fonte de corrosão do caráter e desintegração social. A ideia de corrosão do caráter é tomada de Richard Sennet (Ouriques, apud Sennet, p.118) e é utilizada para explicar as consequências da acumulação capitalista que promove um mundo onde as relações sociais são marcadas pela falta de profundidade, de comprometimento e de compromisso mútuo. A análise teórica prossegue com uma apreciação cada vez mais negativa do trabalho e das condições de trabalho na contemporaneidade.

A produção empírica destes autores refere-se a uma pesquisa qualitativa com trabalhadores da Universidade Federal de Santa Catarina, em sua maioria professores universitários. O estudo relata e sistematiza respostas a entrevistas abertas, onde se fez registro do que os autores chamaram “angústias compartilhadas” e “sentimentos demonstrados”. Na discussão dos resultados, os pesquisadores afirmam que o trabalho segue tendo grande centralidade na estruturação social do grupo pesquisado, não havendo entre eles quaisquer perspectivas de tempo livre que possam apontar para uma outra articulação entre o trabalho e a vida. Os pesquisadores vão ainda mais longe em suas conclusões a respeito de seus entrevistados:

Assim, não gostam do trabalho, da função que executam, não foi isso que sonharam para si. Contudo, amparados por uma aparente sensação de segurança e de estabilidade no emprego (público principalmente) as pessoas acabam se conformando, adaptando-se às relações de trabalho e se acomodam, pensando que sua vida, mesmo insatisfatória, não poderia ser de outra forma. (Araujo & Ouriques, 2009, p.119)

Do ponto de vista das condições subjetivas, os pesquisadores atribuem à população pesquisada traços psicológicos que tornariam irreversíveis uma perspectiva de vida totalmente desagregada e desagregadora. Dizem eles:

“No caso específico dos professores, podemos interpretar que o motivo por escolherem esta profissão foi, grosso modo, ‘o desejo de mudar o mundo [...] depois de tanto tempo de trabalho preso à burocracia, à rotina, às diversas obrigações e prazos, ou, em uma palavra, à ‘heterorregulação’, o caráter de uma pessoa é transformado.” (p.119). Corroído, querem dizer. Tanto no plano teórico quanto empírico, para Araujo & Ouriques, o tempo livre se esvanece e sua objetivação desaparece.

Outra pesquisa empírica que se mostrou valiosa em nossas buscas de referência é o trabalho relatado por Souza e Ribeiro (2014), realizado com jovens brasileiros provenientes do setor informal calçadista, para conhecer “seus sonhos, expectativas e frustrações”, entendendo as autoras que desta maneira poderiam relacionar as questões do trabalho e da subjetividade. A população foi escolhida por representar uma modalidade de trabalho considerada típica das atuais oportunidades de renda que se apresentam para os jovens que ingressam no mercado e que se caracteriza por condições precárias, má remuneração e constante instabilidade, formando um quadro de vulnerabilidade social.

A metodologia utilizada consistiu em observações, entrevistas individuais e grupos focais, tendo se constituído em duas fases: exploratória e focalizada. Os dados foram construídos em torno das histórias de vida, dos sonhos, expectativas e medos dos participantes. Daí os pesquisadores inferirem os modos de cada jovem perceber e existir no mundo, chegando à conclusão de que *“a maioria dos participantes vive em um universo de possibilidades cristalizadas, que os impossibilita de construir novos modos de ser e existir no mundo, alojados na alienada lógica dominante, aprisionados à subjetividade capitalística.”* (Souza & Ribeiro, 2014, p.8). Entre as respostas que configuraram esta conclusão, os investigadores, contudo também afirmam ter encontrado algumas indicações sutis de orientações subjetivas voltadas à busca de novas possibilidades de vida e desejo de transformação.

O relato não inclui menção a tempo livre da população pesquisada, mas a definição de subjetividade e a metodologia utilizada foram as que mais se aproximaram dos nossos objetivos de pesquisa e encontramos na discussão feita pelas autoras a

confirmação de alguns indicadores para análise que já estavam também delineados em nosso esboço teórico prévio.

3.4 Tempo Livre e Subjetividade Social

Após percorrer a literatura, e sem encontrar um centro de gravidade para a abordagem da relação tempo livre e subjetividade, decidimos adotar a definição do psicólogo contemporâneo Fernando Rey (2003), que articula o conceito que se tornou central em nossa pesquisa: subjetividade social. Através da noção de subjetividade social conseguimos um novo tipo de abordagem teórica sobre a sociedade, e conseqüentemente, uma nova possibilidade de articulação com as teorias sociológicas.

O conceito de subjetividade social explica a produção e organização de significados e sentidos que operam simultaneamente nos níveis individual e social, em uma relação dialética, ultrapassando antigas dicotomias. A relação indivíduo/sociedade, tal como implicada na teoria da subjetividade social, supõe, por um lado um sujeito ativo, em cuja trajetória emergem sentidos e significados configurando um nível da subjetividade, e, por outro lado, elementos de sentido que configuram os espaços sociais nos quais o sujeito atua. O desenvolvimento humano é uma conseqüência dos movimentos sucessivos de integração e ruptura entre os dois níveis.

Os processos de subjetividade social e individual não mantêm uma relação de externalidade, mas se expressam como momentos contraditórios que se integram de forma tensa na constituição complexa da subjetividade humana, que é inseparável da condição social do homem. (Rey, 2003, p. 206)

Teórica e metodologicamente, a noção aqui apresentada exige uma abordagem processual, concreta e historicamente circunstanciada.

A categoria da subjetividade social é uma macrocategoria orientada precisamente para uma nova representação do social, suscetível de se enriquecer no estudo de todas as formas e processos concretos da vida social do homem. (Rey, 200 p. 219)

Desta maneira, nas configurações das subjetividades sociais coexistem elementos de sentido diferenciados e até contraditórios. “*Essa coexistência mais ou menos tensa, entre diferentes configurações de valores, é uma das marcas da vida na sociedade moderna.*” (Velho, apud Rey, p. 207). Cada sujeito está integrado de múltiplas formas com o mundo em que vive. Na dimensão da subjetividade social é preciso admitir que a emancipação social deve corresponder à emancipação do sujeito pessoal, e isto passa pois pela compreensão de que as ações e seus efeitos são produtores de ruptura. O que assegura a possibilidade de ruptura é um processo de sentido, resultante da atividade pensante e reflexiva que é uma constante na experiência humana, e que também pode ser apreendida sob a designação de consciência: “organização processual na qual o sujeito participa intencionalmente nos processos de sua vida, o que implica a organização de sua própria linguagem, na reflexão, na elaboração de projetos e no momento construtivo de suas filosofias de vida, de suas crenças e suas representações... A configuração de sentidos que está na base de cada ação humana única é apreendida de forma total pelo sujeito concreto.” (Rey, 2003 p. 226)

Nesta teoria, o sujeito pessoal apresenta-se concretamente e se integra de múltiplas formas com o mundo em que vive. Isto elimina a possibilidade de pensar a subjetividade através de tipos ou traços essenciais, definido ideal e universalmente.

Em alguns momentos sócio-históricos, de marcada convocação a uma ordem social altamente racionalizada e rígida, as subjetividades pessoais aparecem em configurações estereotipadas, frente às exigências de submissão incondicional. Claro exemplo desta situação são os sujeitos “obedientes” dos estados totalitários. Mesmo nestes momentos, e contra as mais prováveis respostas, também se pode constatar a emergência de processos de subjetivação marcados pela capacidade de opção, de ruptura e de ação criativa, representando biografias idiossincráticas na história. Vide, por exemplo, o clássico filme *A Lista de Schindler*.

Apesar desta excepcionalidade, é geralmente nos períodos históricos em que as sociedades se apresentam mais democráticas, abertas e flexíveis, quando as contradições podem ser expostas à luz do dia, que a dialética entre a subjetividade social e o sujeito individual permite a emergência de dados novos nas configurações psíquicas.

“A linguagem está constituída dentro de um cenário social e individual de forma simultânea, é um momento de subjetividade social e da subjetividade individual,

momentos estes que se expressam permanentemente por meio de uma tensão mútua.” (Op.Cit.p 229)

Por implicar esta permanente tensão, os processos sociais focalizados na teoria da subjetividade e da subjetividade social que estamos abordando apresentam-se de modo vivo e, conseqüentemente, transitório, na construção dos dados psíquicos.

Nosso referencial teórico nos permite ir além, quando estabelece que o pensamento que produz os significados sociais e os sentidos pessoais não se reduz ao plano cognitivo, na medida em que se formam por meio de situações e conteúdos que implicam emoção.

“A linguagem aparece em nível individual cheio de sentido subjetivo, traduz emoções complexas no sujeito, gera novas emoções em seu constante trânsito pelos diferentes espaços representativos e experimentais do sujeito” (op.cit. p236)

Em nossa pesquisa convém sublinhar, com ênfase, o aspecto processual da produção subjetiva, na medida em que pretendemos detectar momentos de emergência de novos sentidos, em relação aos significados e sentidos mais comuns no campo social. Neste caso, a mobilização da emoção é um aspecto decisivo da teoria, a impactar profundamente o método. Um dos aspectos centrais da teoria é justamente considerar a emoção como aspecto constitutivo/constituente da subjetividade: “a emoção é uma condição permanente na definição de sujeito.” “A linguagem e o pensamento se expressam a partir do estado emocional de quem fala e pensa.” (op.cit. p.236)

Todo espaço de intervenção, mesmo aquele da pesquisa comprometida com o levantamento de dados, deve ser considerado, nesta teoria, como espaço que mobiliza emoção e que por isso constitui espaço para geração de sentido: “(...) o emocionar-se é uma condição da atividade humana dentro do domínio da cultura, o que por sua vez se vê na gênese cultural das emoções humanas.” (op.cit.p242)

Na medida em que pensamos em uma perspectiva de transformação social, com a possibilidade de que o tempo livre possa ser simbolizado e apreendido por sentidos emancipadores, devemos compreender que este ponto de invenção e criatividade aparecerá na contradição entre o social e o individual, no momento em que o indivíduo deixa de ser definido como sujeito “sujeitado”, debatendo-se entre a sujeição social e suas opções individuais.

Para Rey (2003), as permanentes reconfigurações subjetivas que variam com a história social e as trajetórias individuais criam situações de conflitos externos e

internos que tendem a ser resolvidos na articulação de diversas zonas de sentido em torno de um sistema congruente em que os elementos em jogo apontam para a estruturação de uma identidade pessoal, compreendida como uma forma nuclear que se apresenta com maior estabilidade entre os vários sentidos, e que formam, portanto certas tendências orientadoras.

Embora o estudo da identidade mereça outros aprofundamentos na teoria da subjetividade social e da subjetividade, ele não cabe no escopo do presente trabalho, que se detém sobre a formação e ruptura de significados e sentidos, como forma de avaliar as transformações no tempo livre.

4 METODOLOGIA⁹

“Os homens se parecem mais com os seus tempos do que com os seus pais.” (Guy Debart)

A pesquisa é desenvolvida na perspectiva da epistemologia qualitativa, tal como exposta por Gonzalez Rey (2010), em seu compêndio *Pesquisa qualitativa e subjetividade – os processos de construção da informação*. Sendo assim: “procura converter a produção do sujeito, o complexo tecido informacional que este produz por diferentes caminhos, no material privilegiado para construir o conhecimento”. (p.15).

Como consequência da posição epistemológica assumida, a investigação tende para a criação de contextos comunicacionais aptos a implicar pessoas, através da produção de sentidos subjetivos. Por sentidos subjetivos compreende-se “... a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções em um mesmo sistema, na qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro.” (Gonzales Rey, 2010, p. 20)

Na pesquisa qualitativa, conforme o reconhecimento de vários autores, entre eles Stake, R. (2011), o estudo é interpretativo, experiencial, situacional e personalístico. Em síntese, o estudo busca uma forma de pensar sobre a temática numa perspectiva auto-reflexiva para compreender melhor o problema apresentado.

A abordagem teórico-metodológica está baseada nos princípios de uma **teoria fundamentada**, quer dizer, “teoria que foi derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa.” (Strauss e Corbin, 2008, p.25). A pesquisa aqui delimitada buscará explorar os contornos teóricos de estudos correntes sobre o *tempo livre*, assim como experiências, vivências e significados deste mesmo tempo, de maneira que o processo possa ser considerado de muitos ângulos e perspectivas diferentes, na busca de um conjunto de resultados. Zonas de sentidos e significados aqui entendidos como campos simbólicos que promovem a mediação do sujeito e o mundo. São os elementos que organizam as experiências, neste caso no

⁹Utilizamos aqui a distinção feita por Strauss e Corbin (2009) entre *metodologia* e *método*. “Metodologia: uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la. Métodos: um conjunto de procedimentos e técnicas de coletar e analisar dados.” (p.17)

domínio verbal e não verbal, no qual, os significados são socialmente partilhados e os sentidos são mais pessoais e expressam as emoções.

4.1 Participantes da pesquisa

A escolha foi constituída pelo princípio de amostragem teórica. Por amostragem teórica entende-se um procedimento onde os participantes são escolhidos com base na intencionalidade do pesquisador de ampliar o escopo das referências teóricas que formam o ponto de partida da investigação. “*A amostragem teórica é importante ao explorar áreas novas ou desconhecidas porque permite ao pesquisador escolher os caminhos de amostragem que gerem maior retorno teórico.*” (Strauss & Corbin, 2008, p. 196)

Os participantes da pesquisa constituíram-se de um grupo heterogêneo e representativo de diferentes situações acerca do trabalho: Assim, trabalhamos com profissionais liberais ou autônomos que têm um autogerenciamento do seu tempo, jovens que estão se preparando para entrar no mundo do trabalho e por isso tem um tempo mais flexível e idosos que já se aposentaram e também se configuram em outra organização do *tempo livre*.

Assim sendo foram entrevistados profissionais liberais e autônomos, jovens e idosos dialogando nos grupos focais onde todos fazem parte de populações urbanas de sociedades industrializadas.

4.2 Métodos: Técnicas e Procedimentos

A pesquisa aqui apresentada utilizou as seguintes técnicas e procedimentos para coleta de dados: primeiramente, quatro entrevistas individuais não estruturadas com profissionais liberais ou autônomos, no sentido de mapear os significados e zonas de sentidos no que se refere ao tema proposto. Num segundo momento, realizamos dois grupos focais; um grupo de 10 jovens que ainda não entraram no mercado de trabalho e o outro grupo focal com 11 idosos que já estão fora do mercado de trabalho (aposentados). Em princípio, dentro da técnica de grupo focal também convém assinalar que os participantes tinham alguma vivência com o tema a ser discutido, propiciando riqueza na troca de informações.

As entrevistas e os grupos foram gravados e filmados, com o devido acordo dos

participantes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRRJ.

É importante ressaltar que a coleta de dados, baseada na técnica do grupo focal e em entrevistas, também, inclui observações. Sobre a observação cita-se Martins (2004, p. 87), quando afirma que esta: *“utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”*.

4.2.1 Entrevistas

Na primeira etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas abertas, não estruturadas, mantendo um *setting* de receptividade, consistente com o processo da teoria fundamentada, com a utilização de uma única diretriz geral: “o que você entende por tempo livre?”

As entrevistas mantiveram, a partir da primeira resposta, um desdobramento, buscando obter descrições de situações, significados, afetos e todo tipo de ilação que se apresentou no decurso. Com base na familiaridade com o arcabouço teórico já elaborado, o pesquisador permitiu que as entrevistas fossem conduzidas no sentido de ultrapassar as representações mais comuns, na busca de respostas originais que permitam ir além do já consolidado, ou seja, procurou alongar a temática até que as repetições e recorrências diminuíssem.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e decodificadas, construindo memorandos¹⁰ específicos que foram analisados linha por linha, na geração de categorias, com os extratos mais expressivos até chegar ao limite da saturação teórica¹¹.

4.2.2 Grupo focal

O grupo focal foi a técnica eleita para a coleta de dados grupais. Para a execução da técnica contou-se com a participação do próprio pesquisador autor do projeto, sendo o rigor metodológico respeitado. Atualmente as abordagens acerca de grupo focal estão comumente amparadas em gerar e analisar a interação entre participantes, na busca de uma visão consensual. Os participantes da pesquisa foram comunicados e avisados que

¹⁰“Memorandos: o registro do pesquisador de análises, pensamentos, interpretações, questões e direções para coleta adicional de dados”(op.cit.;p.111)

¹¹ Saturação teórica é o momento em que nenhum dado novo ou relevante pareça surgir em relação a uma categoria.

o encontro seria gravado, não havendo nenhuma objeção ao fato como consta em anexo a autorização da mesma.

Seguindo os passos de Rosaline Barbour (p.21, 2009) “*O estímulo ativo à interação do grupo está relacionado, obviamente, a conduzir a discussão do grupo focal e garantir que os participantes conversem entre si em vez de somente interagir com o pesquisador*”. Neste sentido, nessa pesquisa, o pesquisador precisou estar atento às diferenças em perspectivas ou ênfases dos participantes e explorando-as, assim como também, observar as interações do grupo, as emoções, os sentimentos, a interpretação da temática e as divergências estabelecidas. Ainda Segundo Babour (p. 27) “essa é uma consequência da habilidade da pesquisa qualitativa de iluminar a experiência subjetiva”, que se faz presente na discussão do grupo focal.

Existe uma palavra importante na psicologia e também encontrada nas pesquisas de grupos focais, que é o sentido de fornecer insights, ou seja, uma conscientização ou conhecimento da realidade que o circunda ou intervém, sendo esta conscientização o que também pretende-se experimentar a partir das discussões sobre “*tempo livre*”. Os grupos focais permitem insights de como as pessoas processam e significam a informação fornecida a elas tendo na pesquisa qualitativa um sentido de fornecer uma janela à experiência subjetiva dos respondentes. Aqui se busca a partir dos significados e sentidos deflagrados, pensar outras questões sobre a subjetividade e sociabilidade que permeiam as pessoas e a sociedade a qual está inserido quando discutimos tal questão.

Um dos desafios que se impõe na análise e interação do grupo focal em relação à questão consensual do debate a ser realizado é compreender as diferenças em ênfases, entendimentos e sentidos para os grupos de jovens e idosos, pois a preocupação inicial não está no resultado da discussão mas no insight experimentado no processo grupal. A pesquisa em questão encontrou na abordagem de grupo focal o desafio em permitir estudar o processo de formação de atitude e os mecanismos envolvidos na interrogação e modificação de visão (Barbour, 2009, p.56.).

Na análise e interpretação da discussão do grupo focal se prevê questões propostas pelo pesquisador, mas deve ser suficientemente flexível para incorporar temas introduzidos também pelos participantes do grupo focal na criação de uma codificação de categorias (Barbour, 2009, p.151). Isso faz sentido, dado o potencial exploratório da pesquisa qualitativa em geral e das discussões de grupo focal em particular. Ao identificar os temas gerais, certifica-se de estar atento a alocar provisoriamente alguns

outros temas mais específicos em subcategorias relacionadas a esses títulos amplos. Mais uma vez apoiando-se nas pesquisas que usam grupos focais descritos por Rosaline Barbour, (2009, p. 154) estão intimamente relacionados à abordagem de análise de dados que segue a teoria fundamentada, a qual é baseada no uso de categorias geradas por participantes, onde o pesquisador reconhece a necessidade de algum tipo de definição de foco e intenção, pois exige atenção ao potencial analítico de frases usadas ou conceitos apelados pelos participantes do grupo focal, visto que isso aprimora a coerência da metodologia aqui desenhada. É muito importante que se dê atenção ao ambiente onde ocorre o encontro do grupo focal e por isso os ambientes escolhidos foram as salas de aula climatizadas e arrumadas em círculo, propiciando um ambiente confortável e agradável.

5 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS – zonas de sentido e significados do tempo livre na perspectiva de atores contemporâneos:

5.1 Entrevistas Individuais – Memorandos 1

As entrevistas individuais podem ser organizadas em dois grupos: as primeiras entrevistas tiveram um caráter totalmente aberto e não estruturado, e nos ofereceram os primeiros dados de uma fase considerada exploratória.

O primeiro grupo desses sujeitos entrevistados tem como característica comum o desempenho de atividades laborais que não se referem à rotina dos períodos industriais, isto é, as escalas de trabalho são, em grande parte, auto-determinadas. Foram nossos interlocutores nesta fase: um professor universitário, um estudante se preparando para o vestibular, um fotógrafo profissional e um estudante de pós-graduação.

O segundo grupo caracteriza-se por duas outras entrevistas realizadas levando-se em consideração alguns dados obtidos na primeira etapa. Foram, portanto, entrevistas semi-estruturadas com um roteiro dirigido a duas coordenadoras de projetos acadêmicos que têm, como eixo estruturante, a problemática do trabalho e do tempo.

Sendo assim, destas entrevistas resultou um conjunto de 8 horas de gravação, que passamos a apresentar e analisar.

As primeiras entrevistas evidenciaram um primeiro conjunto de significados e sentidos para o tempo livre totalmente relacionado com o trabalho e com uma conotação, em princípio negativa, onde aparecem respostas como:

“é o tempo que sobra”, “é o tempo que resta”, é uma pequena fração do tempo”.

Paradoxalmente, a este conjunto de significados, agregam-se dois outros conjuntos que atribuem total positividade ao tempo livre: por um lado, significados e sentidos que remetem ao próprio sujeito numa grande variedade de expressões - *“tempo para mim”, “tempo para eu usar”, “tempo em que planejo a minha vida”, “é um tempo que tem muito mais a ver comigo”* e por outro lado, um segundo conjunto de significados e sentidos que aproximam à noção de tempo livre a uma condição de quase

perfeita utopia: “tempo de riqueza”, “prosperidade”, “tudo de bom”, “tempo de fim do fazer”, “prazer”, “ausência de dor”, “felicidade”, “sensação”, “natureza”, “poesia”.

“Tempo para mim; tempo para eu usar; tempo para o desejo; também lembra trabalho, pois eu trabalho bastante, tenho muitas horas de trabalho; Pra mim o tempo livre é um tempo sem amarras, sem obrigação, solto, sem dever, tempo livre é o que sobra do trabalho.”

Observamos que há uma tensão entre o tempo livre ser considerado apenas uma sobra do tempo de trabalho, ao mesmo tempo que evoca uma condição de vida plenamente satisfatória. Essa tensão aparece resolvida pelos sujeitos entrevistados na relação com a história, quando a ideia de um tempo livre é projetada no futuro e condicionada a mudanças sociais e individuais que ainda estão por acontecer: “uma riqueza”, estendida as futuras gerações, “só é possível numa outra economia”, “o futuro”...

“Tempo como riqueza, estendida ao futuro e às futuras gerações; tempo em que me repouso e fecundo o mundo com o que sou. Tempo livre tem a ver com prosperidade (num olhar mercadológico, felicidade, expectativa de vida...). É um momento sem avaliação, sem produto ou resultado. Acho que só é possível numa outra economia. O trabalho faz parte da sociabilidade com o objetivo de uma ética da sustentabilidade. O tempo livre tem muito mais a ver comigo no sentido da fruição do fazer, sem uma avaliação, sem produto ou resultado, numa proposta de outra economia.”

“Tempo livre – pequena fração do tempo total (10%) – o tempo que sobra do tempo de trabalho, prazer - endorfina – serotonina – ausência de dor – felicidade – sensações – natureza, poesia; trabalho igual à dignidade, mal necessário. Trabalho para si igual à tempo livre, ócio, igual à tempo morto”.

“Tempo livre é tudo de bom! Atualmente tenho tido muito pouco. Tenho tempo livre geralmente aos domingos e feriados. É muito produtivo, é no tempo livre que consigo planejar minha vida”.

Além destes três conjuntos de significados, com sentidos paradoxais, o *tempo livre* no seu fazer objetivo aparece nestas entrevistas relacionado a inúmeras atividades de dimensão cultural e muitas vezes, intelectual, com menções freqüentes às artes: “leituras”, “atividades físicas”, “conversas”, “contemplação”, “música”, quando se tem um *tempo livre* dedicado a isso.

Das quatro entrevistas realizadas neste estudo exploratório, a maior fluência e complexidade das respostas foi a do jovem que se prepara para o ingresso na universidade. Em suas respostas, os mesmos conjuntos de significados das entrevistas anteriores foram confirmados, contudo, alguns outros significados e sentidos também emergiram, por exemplo, com relação à referência ao uso dos computadores como atividade preferencial no tempo livre, o que não foi mencionado nas duas outras entrevistas.

Uma zona de sentido emergente desta entrevista é a crítica a um sistema que ocupa todo o tempo do homem, robotizando-o, e a qualidade emancipadora de um sentimento amoroso.

Em contraste com os três outros sujeitos, cujas idades variam entre 37 e 57 anos, o entrevistado de 18 anos de idade foi capaz de fluir muito mais ao ser entrevistado sobre o tempo livre, apontando para uma dimensão da experiência humana sequer mencionada pelos outros entrevistados: “o pensamento”, “a filosofia” e o “amor”.

“Eu acho (gagueja) que se for no sentido de sem tempo livre, somente trabalho, eu acredito que não, porque aí você perde seu caráter, seu caráter de criatividade, seu caráter humano que junto vem o seu lado subjetivo e aí eu já acho que você entra simplesmente num estado robótico, sabe você só trabalha, e trabalha você não tem desenvolvimento mental sobre aquilo e dependendo do tipo de trabalho você não tem desenvolvimento algum você só está desempenhando determinada função”.

“Eu acho que o trabalho, ele é mais uma forma de você amenizar essa forma de separação, porque entra naquela questão da conformidade na sociedade onde eu tenho uma sociedade que por meio do trabalho se conforma junto com os outros e assim ela ameniza esse estado. Claro que também tem a questão do trabalho artesanal que é quando a pessoa ela se difere do trabalho simplesmente pelo dinheiro, aí já entra no trabalho em relação à criatividade ou uma produção literária ou uma produção de obra de arte ou a produção de algo que aquilo te gere prazer e que motive a sua criatividade. Aí já é uma outra forma de trabalho que você não só deposita o seu amor naquilo aí sem você quebra esse estado de separação.”

“Eu acho que o tempo livre com essas determinadas formas variantes, a pessoa ela pode gerar, a pessoa pode usar esse tempo livre como forma de aprimorar o conhecimento, ela pode usar esse tempo livre como forma de questões pessoais ou emocionais variantes, eu acho que no caso específico o tempo livre ele gera todas as outras manifestações humanas que não envolve necessariamente essa relação entre trabalho e lucro, ele é muito variante ele não é específico. Porque pra mim esse tempo ele não mistura só esse tempo livre a uma emoção, esse tempo livre a um lazer, ele é vários, ele é grande sabe,,”

“A vida só com tempo livre é uma vida filósofa, uma vida Socrática, é uma vida Platônica/ Aristotélica, é onde você abre a sua mente em contato não só com a natureza, mas com o mundo exterior de uma forma onde você possa desempenhar pensamentos, conceitos, ações atividades que essa obrigação com o trabalho, é não te permite fazer isso. (o ritmo da fala diminui e fica suave).”

Também em relação à história, as afirmações deste entrevistado não relacionam o tempo livre a um futuro possível ou provável. Para ele, o tempo livre representa uma outra qualidade do tempo:

“Eu acho que quando a pessoa se aposenta não é que ela tenha um tempo livre ela simplesmente entra em um estado puramente humano onde ela não tem aquela obrigação social e trabalhista e ela pode desempenhar relações puramente humanas como conhecer outras pessoas ou simplesmente entrar em recluso, enfim fazer atividades que ela pode desenvolver muito melhor do que no seu tempo livre dividindo com o trabalho ou não.”

“Eu acredito que sem o trabalho a questão do tempo livre ele não existe, ele simplesmente se torna um momento, um fluxo onde as pessoas simplesmente desempenham suas funções mais humanas, de socialização, de relação um com o outro, de reflexão sobre si mesmo, sobre suas atitudes, eu acredito que sem trabalho não tem tempo livre não.”

Após as entrevistas exploratórias, apresentamos os dados do segundo conjunto de entrevistas individuais. Na entrevista com a coordenadora de cursos para idosos, ela relata, inicialmente, que o programa de atendimento aos idosos na Universidade da terceira idade segue a orientação de especialistas cujas demandas iniciais são só como ocupar o tempo livre dos idosos com algo que melhore a sua qualidade de vida, em particular, danos à saúde; por exemplo, um assunto que se tornou uma preocupação nos grupos de debates aqui relatado por essa coordenadora, o mal de Alzheimer.

“A parte de aquisição de novos conhecimentos em que eles têm a informática, que eles gostam muito embora eles tenham um pouco de dificuldade, mas eles gostam muito de informática. A parte de oficinas tem oficinas de dança, oficinas de memórias, oficinas de acordo com a necessidade, e tem a parte de lazer e cultura que nós sempre procuramos fazer pelo menos, a cada período, uma saída, mas uma saída que não seja simplesmente

para passear mas, que traga alguma bagagem a nível de conhecimento. Sempre tem que ter alguma atividade, tem filmes também que devem ser passados como forma de levá-los à reflexão. E também tem a orientação acerca do interesse e possibilidade de concluir a escolaridade de alguém que queira ou fazer faculdade.”

“Existe uma associação da terceira idade e eles que pensam a abertura dos trabalhos para os congressos e o que tem aparecido muito foi a sexualidade na terceira idade, teve sobre o direito dos idosos, várias apresentações sobre a depressão, Parkinson e Alzheimer, esses são os maiores temas da atualidade.”

“Tempo livre, pode ser aquele tempo que você ocupa até por qualquer coisa, eu, por exemplo, na minha pesquisa eu pesquisei exatamente sobre tempo livre, eu queria saber quais eram as atividades que eles tinham dentro desse tempo que era chamado de livre, que era exatamente atividade física, atividades e que tipos de atividades. No caso deles o livre é aquele que você não tem obrigatoriamente estar fazendo alguma coisa para sua sobrevivência, e que você ocupa, pode ser vendo televisão, pode ser ouvindo música, pode ser fazendo atividade física, pode ser a caminhada, pode ser vindo pra a universidade rural”.

Como se refere nas discussões acima, o espaço de convivência preocupa-se sempre em manter as pessoas ocupadas. No decorrer desta entrevista encontramos zonas de sentido e significados que relacionam o tempo livre como um tempo reservado a uma determinada etapa da vida, onde o idoso precisa estar ativo fisicamente para desfrutar do tempo na busca do prazer, numa perspectiva ativista, ocupacional, física, rejeitando as emoções como fonte de construção de novas subjetividades na vivência do tempo livre:

Os sentidos e significados por parte dos profissionais que organizam os encontros referem-se a este espaço/tempo de convivência, como um lugar no qual o tempo livre é ocupado pela aquisição de novos conhecimentos, atividades de dança, oficinas de memória e atividade de lazer e cultura. O espaço de convivência é pensado na busca de zonas de sentido e significados onde o prazer está no convívio com o outro e isso deve ser valorizado e alimentado pelo grupo.

“Agora é um espaço que precisa ser prazeroso, ninguém vai atingir essa idade pra sair de casa e vir aqui pra se aborrecer. Eles são muito dinâmicos, são muito alegres, gostam de falar besteira como os jovens gostam, mas isso dentro do momento e tudo mais. Adoram festas, adoram badalações, na festa de confraternização agora em dezembro, tem muita comida sempre né, gostam muito de comer.”

É importante ressaltar que durante essa entrevista não aparece nos relatos desta coordenadora o tempo livre como tempo/espaço de possibilidades de construção de novas subjetividades na busca da autonomia e liberdade nas relações sociais.

“Olha tem algumas dificuldades pontuais, tem uma característica de um grande número de idosos que é a carência, onde cada atenção dada a ele, a tristeza tende a sumir imediatamente eu tento trabalhar essas dificuldades para que eles possam elaborar as transformações nas relações.”

Observamos que as zonas de sentido estabelecidas nesta entrevista se referem a um tempo que necessita ser ocupado para manutenção da saúde:

“... tem uma coisa, a hora do almoço é sagrado, eles tem uma rotina, tem uma que levanta 4:30 da manhã que é pra alimentar as galinhas e os pintos e depois ela vai para o grupo e quando é dia da semana da universidade ela vem pra cá e, quando não,

eles estão em algum evento da prefeitura ou outra coisa dessa ordem.”

Em muitos momentos da entrevista observamos que a busca da subjetividade dentro da universidade da terceira idade nesta instituição é constantemente orientada para o prazer, onde a tristeza e a questão das emoções são experimentadas como algo a ser superado e não enfrentado. De um modo geral, o prazer entendido como euforia, estereotipado.

Aparece, também de maneira recorrente, uma outra zona de sentido, para aqueles que vão se aposentar ou já estão aposentados, que é o significado de inativo. Para esta coordenadora as zonas de sentido que têm como referência a vida ativa, atividade, não poder ensimesmar-se. São argumentos para a prevenção e qualidade de vida nesta fase da vida.

“Porque exatamente o nosso objetivo é trabalhar com o idoso na URAT para que ele viva essa fase da vida de forma mais prazerosa possível, lógico não é só por prazer lógico que não, mas da forma mais prazerosa porque na medida em que ele se afasta das tristezas, das amarguras de tudo isso, ele tem como desfrutar dessa fase com uma qualidade melhor de vida, dessa fase rudimentar, sorria, sorrir faz muito bem. Até porque eu pesquiso na área da depressão e da disfunção cognitiva, enquanto eles estão integrados em atividades e tudo mais eles não tem tempo para se voltar pra si e ensimesmarem e entrar num processo de depressão, que conseqüentemente vai indo para uma demência. Então a coisa tem que ser prazerosa, tem que ser boa, a gente tem que viver aquilo intensamente porque sintam que a velhice não é uma coisa ruim, é uma etapa da vida, que a gente armazenou inúmeras experiências e que agora está aí para dividir. E essa questão do prazer e tudo mais ela vai estar também intimamente relacionada à questão da autoestima. É muito comum o idoso por todas as perdas, por todos os aspectos de envelhecimento as vezes ele se sentir a autoestima

dele baixar; já começa que quando a gente se aposenta a gente passa a ter o nome de inativo, inativo é inútil, não produz nada.”

“Tem o componente genético, mas o estilo de vida também é um fator importantíssimo. Há um fator genético, porém se a pessoa tiver um movimento de vida em que ela possa estar sempre em cima ela pode se segurar, não posso dizer que não vai desenvolver até porque Alzheimer não é nenhuma novidade só que antigamente como se vivia pouco não se via tantos casos agora fica uma coisa mais evidenciada e tem esse nome.”

“Exatamente mobilizar para que esses idosos desde cedo tenham uma vida ativa, uma vida de participação social, de engajamento social mesmo para que eles não se fechem dentro deles, para que não fiquem ensimesmados.”

Podemos ver aqui, mais uma vez, o trabalho aparecer como significado quando se questiona sobre tempo livre, destacando a busca de prazer naquilo que se trabalha e fugindo das questões obrigatórias, pois estas questões é que fazem um sentido negativo da condição de trabalho, porém tem um roteiro, uma rotina que as pessoas já estão adaptadas e, no momento o tempo livre, que deveria ser dedicado ao autogerenciamento e liberdade passa ser uma ameaça, uma questão estranha:

“Dependendo do que represente o trabalho, pode ser. Eu diria isso pra você por mim, eu posso me aposentar. Tenho tempo, tenho idade, tenho tudo, mas eu tenho prazer em trabalhar, adoro ainda trabalhar e adoro o que eu faço. Sei que está chegando o momento de eu me retirar, sei que está chegando até por necessidades pessoais, estão se aproximando e que também chega um momento que a gente vê que o espaço tem que ser cedido aos mais novos. Mas pra mim isso é importantíssimo quando eu entro aqui, o maior problema do

mundo pra mim ele é esquecido, ele fica lá fora. Eu fico elaborando, pensando o que eu vou fazer.”

Deflagramos no decorrer de toda essa entrevista um conjunto de zonas de sentido que planejam e organizam o desenvolvimento de um tempo/espço de convivência para a terceira idade, baseado em desapego, separação da vida do trabalho, para a vida da aposentadoria, perda e elaboração como algo desintegrado e estanque de uma vida mais ampliada e holística.

“É a dificuldade realmente de desapegar, que eu acho que a partir do momento em que começamos a pensar nessa aposentadoria e a providenciá-la, uma coisa que a gente tem que ter é a condição de elaborar essa separação, essa perda, porque é uma separação, é uma perda e como toda perda e toda separação implica numa elaboração, num desapego. Aí é que entra a questão do projeto, que é de um outro tipo e que vai ocupar esse espaço.”

“... em que fora daqui eu também executo atividades que são daqui, então elas vão para o espaço de lá, assim como quando aqui eu trago as questões de lá eu estou fazendo uma interação. Eu acho que elas não podem ser estanques, porque se eu gosto, eu tenho prazer em trabalhar aqui, automaticamente, lá fora eu vou falar sobre o que eu faço aqui, com meus amigos, com minha filha, com as pessoas de uma forma geral, da mesma forma como eu trago pra cá assuntos que são lá de fora. Eu acho que há uma complementação, eu acho que algumas pessoas têm uma dificuldade maior exatamente em se desapegar, em elaborar essa separação. Toda separação é dolorosa, mas também não podemos negá-la, ela existe e vai ter que existir num dado momento, a gente tem que ir se preparando pra isso.”

A segunda desta série de entrevistas foi realizada com uma coordenadora de projetos sociais para jovens. Constatamos, nesta entrevista, a ocorrência de zonas de sentido bastante complexas sobre o tempo livre. Para ela, os jovens têm uma relação com o tempo de maneira efêmera, imediatista, somente de intensidade, e avalia este dado como negativo.

“Viver para o jovem é uma coisa muito efêmera, o jovem é imediatista, pra ele é o aqui e agora, ele tem que viver o momento dele intensamente; eu ouço muito deles dizendo quando vai chamar a atenção por alguma coisa, porque pode ser perigoso: “eu nasci pra morrer uma vez só, vou morrer ou com dez, ou com quinze ou com vinte, eu vou morrer mesmo”. Então pra eles, eles não sabem, eu acho que eles não tem a noção da importância do que é viver, o que é a vida. Como diz o Gonzaguinha que diz “que a vida é um sopro do criador, numa atitude repleta de amor” não tem frase melhor pra traduzir a vida.”

Segundo a mesma entrevistada, para o jovem o trabalho tem o sentido de independência, autonomia significando a possibilidade de ir e vir para onde quiser, na hora que quiser e também isso traduz um sentido de ganhar dinheiro. Para ela, pensar a questão de tempo livre passa pela questão de classe, sentido esse que remete entender tempo livre como tempo para o consumo do lazer:

“O que acontece, talvez por uma questão cultural, não sei por ser de classe social mais inferior, mas assim, o jovem não sabe lidar com o tempo livre dele. Entrando nessas comunidades eu vejo jovens ociosos, sentados, olhando pro tempo. sem nenhuma perspectiva de vida. Então assim, tem jovens que sabe sim lidar com o tempo livre dele e tem outros que não sabem, isso é muito relativo, isso vai depender da cultura, da educação, tem jovem que sabe usar, ao invés de estar na cama deitado dormindo ou vendo um programa de televisão que não vai levar ele a nada,

ele está buscando coisas, está buscando aprendizado, está buscando ler um livro, está buscando ir ao cinema, está buscando até numa troca de conversa com outro amigo aprender alguma coisa.”

A passagem acima evidencia que, para esta entrevistada, a questão financeira e de classe permeia o uso que se possa fazer com o tempo livre. Este é um sentido que aparece para esta coordenadora, como fato consumado:

“se eu tenho dinheiro eu vou saber aproveitar o meu tempo livre bem melhor. Por exemplo, eu vou pra Miami, eu vou pra Bahamas, eu vou pra Cancun, e quem não tem dinheiro, vai pra onde? Principalmente jovens que vivem em comunidade.”

“A maioria acha que trabalho é sinônimo de dinheiro e não é, trabalho é algo muito maior que isso, eu sempre falo pra eles escolham profissões que vocês realmente gostem, vocacionados, pra que não trabalhem, pra que se divirtam. Eu sempre procuro me colocar como exemplo, eu escolhi ser pedagoga exatamente porque eu gosto de trabalhar com desenvolvimento humano, eu gosto de trabalhar com pessoas e eu comecei a trabalhar com treinamento e desenvolvimento, e eu sempre dizia que eu nunca tive dificuldade pra acordar cedo, nunca tive dificuldade de ir para o meu “trabalho”, que eu não considerava um trabalho e assim nunca também tive aquela questão de colocar dinheiro e trabalho fazer um paralelo entre os dois, eu nunca fiz, eu tive o privilégio de escolher realmente trabalhar com aquilo que eu gosto. E já na cabeça dos jovens associa trabalho à dinheiro. Trabalho não é sinônimo de dinheiro. Trabalho é coisa que te dá prazer, trabalho não é só, porque o dinheiro faz parte claro que a gente vive no mundo capitalista, a gente precisa do dinheiro pra viver, mas eu sempre falo o seguinte se você colocar o coração na frente de tudo que você fizer, a

probabilidade de dar certo é muito grande e o dinheiro fica em segundo plano.”

Nota-se, portanto, que há um desperdício de “tempo livre”, quando não se tem dinheiro ou, na perspectiva dessa coordenadora, só quando se tem dinheiro pode-se ter um consumo no tempo livre mais elitizado e menos massificado:

“Não depende só de dinheiro, mas tem que ter dinheiro, quer dizer eu vou a um shopping, eu não gosto de ir ao shopping sem dinheiro, pra ficar vendo vitrine não, eu prefiro ficar em casa. Por exemplo a diversão, pra você ir à praia, mesmo que você não queira gastar, você vai gastar, você tem que ter o dinheiro da condução, tem que ter o dinheiro do refrigerante, do lanchinho, então tem que ter o dinheiro, sem ele, a gente não faz nada”.

Nessa entrevista encontramos diálogos sobre tempo livre como tempo ocioso, tempo de não fazer nada que para os jovens se torna um risco e não uma possibilidade:

“Eu acho porque se você está sem fazer nada, você está ocioso e “cabeça vazia é oficina do diabo”. (dei uma risadinha). Quem não o que fazer, porque a gente ver cada vez mais.”

“Como educadora o tempo livre é quando você não está trabalhando ou quando você não está fazendo algo que vá reverter em uma força física, não sei mais ou menos.”

“trabalho e tempo livre estão interligados, se eu não estou trabalhando, pra mim eu não sei se uma das coisas mais importante da minha vida é o trabalho, então o tempo livre pra mim não é uma coisa bacana, eu não encaro o tempo livre pra mim como uma coisa legal, então é assim, o meu tempo livre eu tento ocupar com coisas boas, com o que? Coisas que eu me

sinta bem? O que eu me sinto bem? Eu me sinto bem cozinhando, eu me sinto bem perto dos meus amigos, da minha família, eu me sinto bem cuidando das minhas coisas, é isso.”

“É algum tempo livre pra mim, porque esse tempo livre, o que é tempo livre? Eu não estou sabendo definir o que é tempo livre.”

Mais uma vez o significado de trabalho e tempo livre se imbricam, aparecendo com frequência em algumas respostas elaboradas pela entrevistada:

“Tempo livre eu acho que o tempo livre é você não fazer nada, livre eu vou fazer aquilo que eu quero, bobagens, porque por exemplo eu estou ocupando o meu tempo lendo um livro isso não é tempo livre, pra mim não é tempo livre, eu estou ocupando com alguma coisa, porque eu não sei definir o que é tempo livre. Eu não estou sabendo definir o que é tempo livre. Tempo livre pra mim é quando você não está que fazendo nada, está vadiando, se você está empregando o tempo com alguma coisa, aquele tempo não é livre, você está ocupando ele com alguma coisa. Eu estou lendo um livro, esse tempo livre? Não, não é livre eu estou me ocupando eu estou lendo.”

Posteriormente encontramos, no decorrer desta entrevista, um conjunto de sentidos e significados referenciados ao tempo livre que caracterizam tempo de não fazer nada, ocupação do tempo, livre de obrigações, liberdade para fazer o que quiser, tempo para o lazer...

“Pois é, aí é que tá, livre de obrigações talvez. Livre, liberdade, se é liberdade, não te aprisiona, é liberdade. É você fazer o que você quer!(com emoção), sem hora marcada...”

“Muita coisa de diferente, e as vezes pra mim é muito complicado, não sei se é porque eu sempre gostei muito do que

eu fiz, então o meu foco sempre foi o meu trabalho, então quando eu tenho tempo livre eu não me sinto bem, eu não sei explicar. No meu tempo livre eu não me sinto bem. Eu sou muito agitada, eu não gosto de ficar parada. Estando dentro de casa, eu tenho que estar costurando, eu tenho que estar lavando, eu tenho que estar passando, eu tenho que estar sendo útil, eu tenho que estar produzindo.

“No meu tempo livre , estou fazendo uma coisa que eu gosto, não estou trabalhando, estou me divertindo, é lazer, é diferente.”

“Tempo livre está ligado à lazer, tempo livre está ligado a você ou não fazer nada ou fazer as coisas que te dão prazer.”

“eu quero ocupar o meu tempo livre escrevendo o meu livro da vida, já que eu li tantos livros da vida, eu quero escrever o meu, eu quero ocupar o meu tempo livre escrevendo o meu livro da vida.”

“Não acho bacana viver sem tempo livre, eu acho que o tempo livre é que te dá, te coloca mais fora da pressão diária que a vida te impõe, do estresse de todo dia, eu acho que o ser humano não vive sem o tempo livre, ele é importante até para a tua saúde mental.”

Durante as entrevistas individuais encontramos um conjunto de sentidos e significados acerca de tempo livre que se repetem seguindo uma lógica capitalista onde o tempo livre está subordinado ao tempo de trabalho referindo-se ao que resta, o que sobra; obrigação e prazer; inatividade e ocupação; não fazer nada e ociosidade; tempo livre bastante relacionado à lazer/consumo. Entretanto, encontramos no entrevistado mais jovem, várias outras possibilidades e significados referentes ao tempo livre, tais como: uma vida filosófica, um pensar em si mesmo e nos seus sonhos e também pensar

nas artes e cultura.

5.2 Grupo Focal de Jovens – Memorando 2

A coleta de dados através de grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas a formação de opinião e atitudes durante a interação com os indivíduos. Essas interações é que possibilitam a captação de significados e permite emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais. Também ajuda o fato de se buscar um tema de conhecimento e interesse de todos, facilitando as relações e discussões.

A análise dos dados se deu a partir de uma maneira experiencial, ou seja, ao invés de codificar o que os participantes falam, valorizando o conteúdo, exercitamos um olhar, que também avaliou a forma como os sujeitos falaram, e como seus pontos de vista foram mantidos, reforçados, modificados ou rejeitados na interação. A análise aqui descrita compreende o que aconteceu nos grupos focais em questão, como um processo social dinâmico, em que os participantes estão engajados na construção coletiva de uma narrativa sobre o *tempo livre*. Podemos observar que há uma perspectiva dialógica na qual os grupos focais foram analisados na interação entre os participantes e pesquisadora criando zonas de sentidos; a interação entre os pensamentos, ideias e comportamentos; e a interação com as tradições culturais incluindo as emoções e atitudes diante do assunto ofereceram uma possibilidade de análise de dados mais transversais.

Os depoimentos, gravados e transcritos, não seguiram um roteiro preestabelecido. No início de cada entrevista ou discussão, formulou-se a seguinte questão para estimular o participante a discorrer sobre sua experiência: *o que você entende sobre tempo livre?* A partir da integração entre pesquisador e pesquisado, a entrevista serviu como uma mediação dialógica para que ambos compartilhassem a temática, o primeiro, para comunicar elementos de seu objeto de estudo, e o segundo, para compreendê-lo, deixando-se impressionar pelo sentido e indagações do seu mundo experiencial.

A cada encontro com os grupos focais, houve uma apresentação do trabalho proposto, onde orientou-se a ideia central do debate e discussão para cada grupo.

A técnica de discussão do grupo focal foi estruturada em três momentos: o primeiro momento foi de apresentação dos membros dos grupos; no segundo momento realizamos oficina de levantamento de dados que é o “*Brainstorming*”¹², onde cada participante aleatoriamente falava o que vinha a mente quando se pensa em tempo livre, nos remetendo a um campo ampliado de significados e zonas de sentido no que chamamos tempo livre; e o terceiro momento foram as interações e discussões sobre o tempo livre e seus desdobramentos.

No primeiro momento de apresentação, identificamos como participantes deste grupo focal 10 jovens que possuem de 16 à 21 anos de idade, com escolaridade que varia entre dois do ensino médio completo e o restante cursando o ensino médio. Foram participantes desse grupo focal 5 jovens do sexo feminino e 5 jovens do sexo masculino. Esses jovens são oriundos de um projeto social (Portal do Futuro) de preparação para o novo mercado de trabalho oferecido pelo Senac Rio, o qual prepara jovens de escolas públicas num curso profissionalizante, e tem uma proposta pedagógica de construção do conhecimento, onde a formação profissional está diretamente relacionada com o desenvolvimento do jovem para o trabalho e para vida como um todo. Pretende-se que os jovens vivenciem, através de oficinas de desenvolvimento de competências, uma descoberta das suas potencialidades e dos seus afetos para lidar com as adversidades vigentes. Todos esses jovens ainda não estão inseridos no mercado de trabalho.

Observamos que neste grupo focal, desde a hora da apresentação, os jovens já se colocaram como sujeitos inseridos no contexto do tema abordado, até porque suas famílias sempre se referem a eles como pessoas que não “fazem nada”, “tem tempo sobrando” e por isso precisam “ocupá-lo”, no espaço em questão, fazendo um curso de preparação para o mercado de trabalho, que muitas vezes, não tem nada a ver com eles.

No segundo momento, que exigiu ao grupo focal uma dinamização no sentido de expressar, por escrito, todas as ideias, pensamentos e significados acerca da questão do *tempo livre* surgiram as seguintes zonas de sentido e significados: *Amigos – apareceu 2 vezes; Difícil de ter; Diversão – 3 vezes; Alegria; Maturidade; Transar; Namorar; Ócio; Dormir – 3 vezes; Trabalho; Evolução; Lazer; Cinema; Liberdade - 2 vezes;*

¹² significa **tempestade cerebral** ou **tempestade de ideias**. É uma expressão inglesa formada pela junção das palavras “*brain*”, que significa cérebro, intelecto e “*storm*”, que significa tempestade. A técnica de *brainstorming* propõe que um grupo de pessoas se reúnam e utilizem seus pensamentos e ideias a fim de gerar ideias inovadoras que levem um determinado projeto adiante.

Pensar – 2 vezes; Exercitar; Curtir a vida; Passar tempo com a família; Viajar; Sair; Internet; Sonhar; Imaginar; Refletir; Ler; Calma; e Planejar.



Figura 1: Zonas de Sentido e Significados do Grupo Focal de Jovens

Registramos neste segundo momento, comportamentos lúdicos, prolixos, com aparente satisfação e relaxamento diante da temática apresentada.

O que podemos perceber é que para os jovens pesquisados o tempo livre equivale ao movimento, liberdade, ao mesmo tempo que reflete uma produção subjetiva: sonhar, pensar, refletir, ler, imaginar, dormir (significado e sentido muito comum nesta fase da vida). Para os jovens dormir não é perder tempo, muito pelo contrário.

Percebemos que o sentido de trabalho foi superado pelos outros sentidos expressos no brainstorming, e que nos remeteu também a um significado de evolução e planejamento para esse *tempo livre*. Devemos observar com mais cuidado, pois há uma frequência na palavra liberdade, que se torna significativo no escopo do nosso estudo.

Para os jovens a percepção do tempo livre é apresentado como um tempo de possibilidades de escolha. Os jovens demonstram um sentido de apreciação pela preguiça, ócio, fazer nada, que nas discussões do grupo frequentemente aparecia tensionado pela intervenção familiar no sentido de regular e reprimir esse tempo, que para eles, é quase “sagrado”. Destaca-se neste grupo, que, apesar do valor trabalho ter se

apresentado, a menção ao “nada fazer” e à “preguiça”, também sofreu algumas censuras, coerções e expressões de pudor.

“Adoro ficar sem fazer nada; preguiça é uma coisa gostosa, mas minha mãe não pode me ver sossegado.”

“...o tempo de vida é um tempo muito curto e nós temos que saber aproveitar.”

“Você não pode perder possibilidades que te dão, você não tem tempo suficiente para fazer tudo o que você quer na sua vida.”

“...porque a vida é muito curta, a gente não sabe se vai estar aqui amanhã, a gente não sabe se vai conseguir fazer tudo hoje.”

No terceiro momento, passamos para a discussão participante e dialógica acerca do que os jovens entendem sobre tempo livre. Encontramos respostas que apontam zonas de sentido e significados e que nos remeteram a novas subjetividades.

Para os jovens deste grupo o tempo foi apresentado em uma dicotomia entre a vida e a morte. Ao expressarem-se sobre esse intervalo entre a vida e a morte emitiram sinais corporais que evidenciavam “angústia”, quando falaram sobre os seus desejos, as suas habilidades, a possibilidade de decidir e poder recomeçar, já que é um momento de muita cobrança e se alguma escolha der errado, poder tomar novos rumos. É importante ressaltar que os diálogos desses jovens retrataram uma característica bastante comum dessa fase da vida; o tempo é linear e implacável, podendo ser definitivo e finito, no sentido de ser intenso.

A maioria das entrevistas neste terceiro momento, nos remeteram ao sentido do tempo que é perdido, principalmente porque se fez o que os outros queriam e não o seu próprio desejo. Junto com diálogos filosóficos do tempo, ocorreram referências de certo mal-estar diante do mercado de trabalho, referido como alteridade.

“o tempo de vida seria o total vivido e o tempo livre seria o tempo que aproveitamos de maneira livre, com nossas escolhas

e desejos.”

“Diversão, momento seu, fazer o que você tem vontade, conversar, amigos e felicidade.”

“Acho que sempre devemos ter esse tempo, para podermos nos distrair do mundo, se perder nos nossos sonhos e a nossa vida não se tornar uma coisa tão monótona, tão cotidiano.”

“...quando se é jovem, o tempo livre é um desperdício de tempo. Pois a sociedade exige que devemos correr atrás do mercado de trabalho, para que possamos conseguir boa estabilidade de renda e que, claro, façamos o capital girar no mercado.”

É importante refletir que o processo de formação ao qual os jovens estão subordinados na sociedade capitalista, na maioria do tempo de estudo prevalece a não geração de autonomia, o que nos colocou diante do impasse deste grupo acerca do tempo livre, já que o jovem muitas vezes é sujeitado à normatização desta formação, privado do processo de reflexão.

“...a própria história provou que não existe vida sem tempo livre; é extremamente necessário a todos. Todos nós precisamos de um tempo para nós, para pensar, para não fazer nada ou fazer as coisas que desejamos.”

Os sentidos apresentados pelos jovens, mais uma vez, corroboram o percurso teórico, onde vimos que a separação entre vida e trabalho é uma concepção moderna, de forma que o trabalho significa meio de manter a vida, porém, subordinado a uma determinada lógica; que vida e trabalho muitas vezes não se encontram e integram-se, já que o trabalho exerce uma coerção ao indivíduo de fora para dentro a fim de possibilitar a autodisciplina individual. Desta lógica, parece impossível fugir.

“...tempo livre é um tempo que você separa para fazer o que tem vontade em meio a uma vida de trabalho que não se pode fazer tudo ao mesmo tempo.”

“...tempo livre: É você poder fazer tudo que almeja, tudo que deseja no pouco tempo que tem.”

“Significado de tempo livre na minha vida é que é um tempo de descanso, brincadeira, etc. Que posso aproveitar sem me preocupar com o dever.”

Aqui também, como em algumas entrevistas individuais, surge o significado de tempo livre como um tempo para recuperar uma energia vital.

“Não sei o que posso construir no meu tempo livre, mas sei que posso realizar depois do tempo livre. Depois do tempo livre sempre estou mais disposta a fazer as coisas.”

Não podemos deixar de analisar os sentidos e significados de liberdade e autonomia como um conjunto de discussões centrais trazidas nesta pesquisa, com o objetivo de dimensionar o que chamamos de uma descoberta interna, capacidades outras, que não sejam aquelas que somente o mercado de trabalho exige, mas a priori, o que o sujeito pode escolher.

Entre os sentidos deflagrados, que não escapam muito ao previsível a partir das teorias sociológicas, emerge uma novidade, que é o sentido de planejar. *Planejar* pode ser entendido como uma maneira ativa de estar no presente, sem perder a visão do futuro. Planejar implica também em autocondicionamento, indispensável para a busca da autonomia e liberdade nas escolhas, principalmente, no que se refere tempo livre.

5.3 Grupo Focal de Idosos – Memorando 3

Na análise dos dados dos grupos focais buscou-se discriminar zonas de sentidos e significados a partir de uma síntese específica de cada depoimento e buscar uma compreensão psicológica e subjetiva numa visão geral do que foi trazido como

compreensão do fenômeno apresentado.

No primeiro momento de apresentação podemos identificar que o grupo focal dos idosos foi formado com 11 idosos do grupo de integração e convivência da Universidade Unigranrio. Esta amostragem é constituída de 10 mulheres e 1 homem, variando nas idades de 50 à 88 anos, com escolaridades diferenciadas, tendo a maioria cursado o ensino fundamental e dois, somente, possuem o ensino superior (bióloga e agrônomo).

No segundo momento tivemos, como resultado do brainstorming, o emergir das seguintes zonas de sentidos e significados: *Assistir palestra; Ajudar alguém; Ensinar; Pesquisar; Conhecimento; Ler; Sentir a natureza; Fiscal da natureza; Observar; Orar; Vencer/lutar; Ousar; Oportunidade; O que posso fazer em meu tempo livre? Segurança e insegurança; Alegria; Liberdade; Lazer; Fazer exercício; Caminhar.*

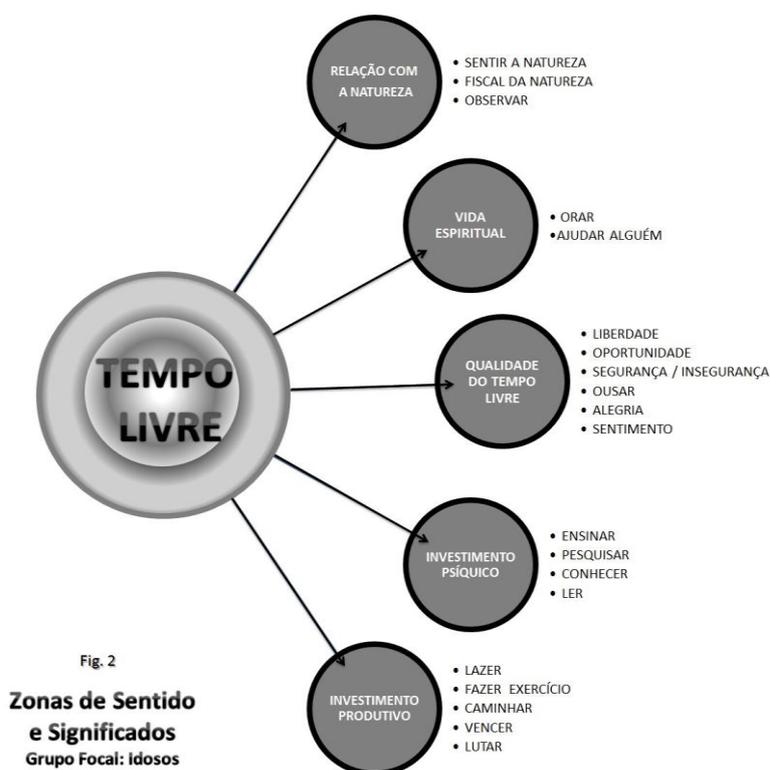


Figura 2: Zonas de sentidos e significados do grupo focal de idosos

O primeiro dado que realça na entrevista com os idosos é o de que mesmo, aposentados, na sua grande maioria, continuaram trabalhando, primeiro para aumentar a renda e depois porque não sabiam como fazer sem o trabalho como elemento orientador da vida. Como aparece no brainstorming: “*O que posso fazer em meu tempo livre?*”

“Segurança e insegurança.”

I.¹³ era empregada doméstica e está aposentada há três anos – no seu relato de apresentação de como chegou ao grupo da universidade Unigranrio ela conta que o convívio é algo muito importante, quando parou de trabalhar, entrou num projeto de ginástica para idoso e neste mesmo projeto, soube do Projeto de integração da Unigranrio. Procurou saber mais e viu que era isso que precisava; não só para fazer ginástica, mas:

“...precisava de algo mais. Quando a gente pára vem a pergunta: e agora?”

I. reconheceu a necessidade de um espaço de convivência no sentido de *“dar um significado à vida.”*

Aqui aparece um conjunto de significados e sentidos que essa idosa encontra no grupo de convivência e refere-se ao *tempo livre* como uma nova fase:

“Encontrar com as pessoas, ter coisas pra conversar e compartilhar, numa outra condição, é muito bom! E agora, agora é importante viver uma nova fase de pé no chão. Agora eu to numa vida melhor.”

Desde a apresentação das pessoas no grupo identificamos que a questão do tempo livre é uma percepção somente assimilada, sentida e vivenciada depois do tempo do trabalho e das responsabilidades familiares. Percebe-se que há um tempo reservado para se viver o tempo livre e entre a não percepção do tempo livre e uma percepção deste tempo, há um intervalo vivido como incômodo. Isto quer dizer, que se leva um tempo para experimentar o tempo livre como uma experiência boa e salutar. É importante ressaltar que há sempre, ao mesmo tempo, um sentimento de alívio e angústia, alegria e tristeza. É recorrente um sentimento de solidão, de desamparo e que o melhor foi restrito só para o tempo presente, o agora (repleto de perspectiva e esgotamento).

¹³ Abreviação dos nomes dos idosos do grupo focal.

Como podemos destacar nestas discussões descritas há um sentimento de contradição entre o desejo de fazer para os outros e fazer para si mesmo, já que há mais tempo para isso, mas não se sabe nem a quantidade e nem a qualidade desse tempo.

A reflexão inicial é angustiante para os idosos, pois é notável a referência a momentos de interrogações e desconhecimento do que está sendo vivido. É um tempo de abertura.

“...eu vim para fazer a minha mente funcionar, não gosto de ficar parada. Agora estou fazendo além da dança, exercício, também faço informática e inglês.”

Algumas discussões com idosos começam na relação com os sintomas de perda de saúde. É importante ressaltar que algumas ideias e pensamentos surgem em momentos de grandes perdas e, principalmente, quando se percebe ou diagnostica um quadro depressivo.

S. , de 56 anos, teve AVC e daí em diante resolveu se aposentar de costureira pois antes só trabalhava:

“...comecei a viver depois do AVC que percebi o sentido da vida.”

“Depois que um filho morreu, tudo mudou, parece que eu também tinha morrido. Só agora estou melhorando um pouco da hipertensão e da depressão por isso estou aqui. Mas ainda estou deprimida, mas melhorando.”

Na maioria dos debates presencia-se sentidos e significados de sofrimento, solidão, finalização de uma fase para o começo de uma outra, ou seja, uma série de sentidos formada pela ideia de recomeço. Confirmando a ideia de que o tempo livre sempre aparece depois, há uma série de eventos que parecem atender a esta expectativa. A maioria das idosas relatou algum sofrimento com o marido e que sentiram um alívio depois que ficaram viúvas, pois encontraram o tempo e reencontraram um tempo para si.

“Meu marido não gosta de nada disso aqui, acha que é coisa de gente que não tem o que fazer, que isso não é para ele. Para estar aqui eu venho escondida, senão ele começa a falar no meu ouvido, dizendo que isso tudo é bobagem.”

Percebe-se que esse domínio do homem sobre a mulher, é algo que incomoda a maioria, já que alguns relatos descrevem um alívio depois que ficaram viúvas:

“...sentia-se muito só depois que o meu marido morreu de alcoolismo, eu vi que tinha que me amar e me colocar em primeiro lugar em tudo até porque os filhos crescem e vão embora, é preciso se amar.”

É interessante destacar dentre as dez mulheres idosas participantes do grupo focal, a MM, que é uma das mais antigas no grupo, fala do tempo livre com muita tranquilidade no sentido de continuidade, pois sempre fez o que queria:

“MM, de 68 anos, funcionária pública aposentada e sempre teve uma vida cheia de alegria e realizações e veio através de uma amiga e acha tudo muito interessante. A que disse que sim ela disse que quem faz o tempo livre somos nós e possível planejar. é preciso ousar você tem fazer o tempo se a gente esperar pra ter tempo livre ele não vai acontecer segundo agir para acontecer, eu posso eu quero você é que tem que fazer o tempo se você esperar esse tempo livre não vem o tempo livre faz parte da vida.”

Além da tranquilidade parece que MM também se apropriou do tempo livre, com uma finalidade emancipadora.

Quando os idosos foram questionados em relação à necessidade de se ter tempo livre na história de vida, a grande maioria afirmou a necessidade, entretanto não sabem lidar com ele:

“Vivemos para os outros e não nos enxergamos. Disseram que é

necessário ter tempo livre, mas não sabemos o que fazer.”

“O trabalho é muito necessário para quem precisa, principalmente, quando a gente trabalha em que gosta e qualquer coisa diferente disso a gente fica doente; o trabalho também é necessário mas é importante fazer o que a gente gosta.”

Iz. de 88 anos, descendente de judeu, é um senhor que disse gostar muito de poesia e de música. Fez agronomia na Rural e atualmente é poeta e gosta de decorar o que estuda, recitou um lindo poema sem gaguejar, mostrando ser dinâmico e saudável. Expressa-se com clareza e associa bem as ideias emitidas. Este idoso associou o significado de tempo livre à tempo de vida e recitou uma poesia para ilustrar a sua forma de sentir esse tempo. A poesia se chama *Vitória na Vida* e está como epígrafe neste trabalho.

Alguns idosos, como é o caso do Sr. Iz. expressaram significados de plena familiaridade e tranquilidade em relação ao que pode ser considerado “tempo livre”: dedicar-se, na velhice, a valorizar o que consideram a “boa vida”, e que de fato coincide com a as abordagens do tempo livre visualizada pelos autores que defendem a visão emancipadora desse tempo no referencial teórico.

“Eu acho que a vida é a coisa mais linda do mundo. No meu tempo livre eu gosto de ler e de decorar. A forma de eu encarar a vida é policiar a boca e alimentar a mente.”

Para este entrevistado há uma forte relação entre tempo livre e o tempo de vida, neste caso, significando um tempo que resta para ser vivido. São comuns expressões de confusão, por exemplo, referências sobre um fazer nada ou nada fazer, preguiça, ócio, sempre acompanhada de algo com menos valor. As percepções corpóreas, quando os grupos ou os indivíduos tentam descrever o que seja tempo livre, são de dualidades, de idas e vindas de sentimentos e ações muitas vezes desconhecidas e precárias de sentidos, de referências.

Confirmando mais uma vez a ideia de que o tempo livre sempre aparece depois, como um conjunto de sentidos e significados de estranheza e incômodo de pensar em algo importante, porém, distante, pois se configura num resíduo do que foi muito importante, o trabalho. O tempo livre é remetido a um sentido do que sobra de um todo(vida), muitas vezes não é valorizado e experimentado como um tempo de menor qualidade ou importância.

Os diálogos e enfrentamentos no grupo focal dos idosos possibilitaram emergir um conjunto de zonas de sentidos e significados relacionados à amizade, vida social, atividade mental e, basicamente, liberdade para fazer o que deseja.

T. de 54 anos “Pensei assim... me deu um desespero depois que os filhos cresceram, me deu uma solidão. O que eu posso fazer para a sociedade? O que eu vou fazer agora que eu tenho meu tempo livre? Eu posso fazer mais, o que eu fiz? Antes o tempo era ocupado pela família e eu optei por isso, cuidar da minha família. Eu parei de trabalhar para cuidar da família.”

De uma maneira recorrente aparece um conjunto de significados e sentidos que nos remeta mais a questões e dúvidas do que respostas e afirmações, assim como também, um olhar para si num sentido de quanto tempo resta, o que resta no tempo de vida como um todo para experimentar o tempo livre:

“O que eu fiz pra mim, que tempo me resta? O hoje. O ontem eu gastei meu tempo cuidando da minha família. Foi uma opção, tenho orgulho da minha família, agora o tempo que me resta eu não sei muito o que fazer..., e agora nós temos tempo livre que é um tempo que resta e não sabemos o que fazer. Pensar no tempo livre virou um desespero. O trabalho é um compromisso que rouba muito do seu tempo, com isso a gente acaba se esquecendo de você, deixa de cuidar de nós mesmos. Quando a gente está trabalhando a gente tem uma vida mais curta, perde muito a qualidade.”

“A possibilidade de se ter tempo livre é na aposentadoria, é quando a gente vai aproveitar e vai viver o resto que ainda sobre de vida. Agora eu tenho meu tempo livre e eu posso fazer mais. Sinto falta de mim. Esse é o meu desespero nesse tempo livre.”

Os idosos expressam no tempo livre um sentido de resgate, recomeço, no qual a experiência do tempo livre é ainda algo que eles não identificam como uma conquista para si, mas remete a um sentimento de ameaça e insegurança.

Há um consenso quando os idosos falam do tempo do trabalho, que ocupa toda a existência do sujeito, reservando para o momento da aposentadoria a experiência do nada a fazer, que oferece uma ameaça à própria vida. Podemos também, observar que muitas possibilidades alcançadas e traçadas no grupo de convivência proporcionam momentos de lazer e cultura, como relatados nos diálogos de apresentação e interações estabelecidas. Muitas vezes aparece um conjunto de significados em relação a fazer o que se quer, escolher seu próprio caminho e desejos, podemos aqui analisar como uma possibilidade de vivenciar a autonomia como proposta pelos autores mencionados no desenvolvimento teórico.

“...e me perguntei e agora? Depois de ter criado os filhos de ser dona de casa, queria trabalhar mas preferi tomar conta dos filhos . O que fazer, e depois de uma reportagem sobre Alzheimer, precisa exercitar o pensamento, eu quero uma segunda chance, para eu fazer, entrou agora no grupo eu estou sendo muito ousada vou fazer curso para o corpo e para mente. Eu queria estar nas pessoas da mesma idade que pudesse se ajudar, eu quero ser útil. Esse é um momento da vida que traz um pouco de angústia, é mais difícil? O que aconteceu comigo é que eu vivi para os outros e eu acho que isso aconteceu com muitas daqui, sempre não me enxerguei e agora o que nós vamos fazer e como se eu não existisse, pensar nisso agora é estranho. caracteriza o sentimento de angústia e dúvida diante desse momento da vida.”

Apesar de todos os participantes do grupo focal perceberem que não é possível viver sem tempo livre, expressam um sentimento de que tem pouco tempo para vivê-lo, assim atribuem a dificuldade de tornar real esta vivência, porque começaram tarde.

Deflagramos nas análises e interseções dos dados colhidos como zonas de sentido uma referência constante trazida pelos idosos, possivelmente como uma demarcação de geração, o mapeamento de uma zona de sentido até então não sinalizado pelos jovens, que é relacionar tempo livre à vida espiritual e à experiência de retorno e a aproximação com a natureza, com o que há de mais simples e vivo e cheio de esperanças e perspectivas.

Eles percebem o tempo livre como um sentimento ruim, de inatividade, o nada parece algo perigoso e nocivo ao desenvolvimento da própria humanização. Há ideias de compensação do cansaço das tarefas rotineiras.

Parece que o tempo para os aposentados é experimentado como tempo linear, cronometrado e fragmentado em detrimento da experiência de um tempo como um fluxo em espiral, que deveria expressar uma dimensão complexa em decorrência da própria existência humana, onde o ontem e o depois colocam em suspensão o agora, que para os jovens, é a essência de se viver o tempo livre intensamente.

Mesmo com todas as referências a zonas de sentido sugerindo a necessidade de pensar o tempo livre como um bem viver, fazer o que se quer, um tempo de cuidar de si e reservado para si, as discussões revelam que o significado do tempo livre está associado aos finais de semana e às férias, pois durante a semana esta experiência é inviável, confirmando mais uma vez como um tempo que resta do trabalho semanal.

Fig. 3
ANÁLISE DAS ZONAS DE SENTIDO E SIGNIFICADOS DOS DADOS
ENTRE GRUPO FOCAL DE JOVENS E IDOSO

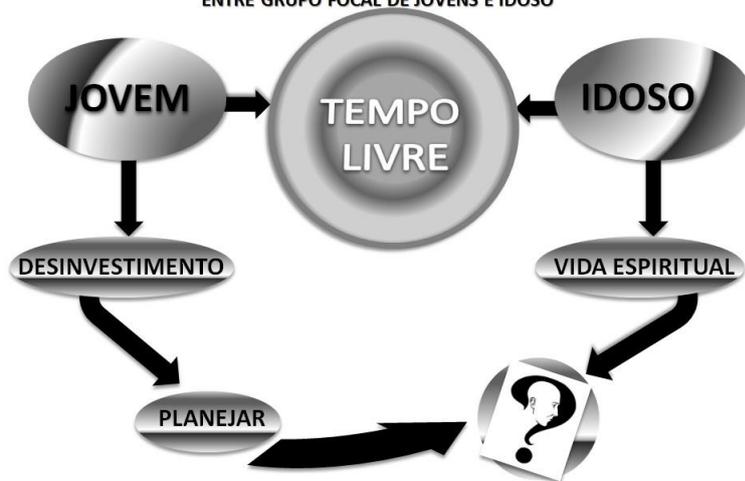


Figura 3: Integração entre as zonas de sentido e significados dos jovens e idosos

6 DISCUSSÃO

Os resultados dos dados colhidos através das entrevistas individuais não estruturadas e da discussão nos grupos focais de jovens e idosos identificaram a dissonância entre crenças e os conhecimentos sobre o tempo livre e os seus significados e diversos sentidos atribuídos às mesmas percepções em termos de liberdade, fazer o que gosta e prazer. As zonas de sentido dadas pelos sujeitos pesquisados, muitas vezes são contraditórias, e levamos em consideração nesses casos, que cada experiência e significado emergente acerca do tempo livre estava inserido na realidade circundante e na complexidade do sujeito singular. Às vezes o tempo livre é confundido com ócio, identificado nesta pesquisa com um significado de algo pejorativo, de menor valor, no desenvolvimento da nossa humanidade.

Apareceram frequentemente entre os diálogos dos grupos focais e das entrevistas individuais significados de que o tempo livre possui um valor produtivo agregado ao possível investimento no âmbito social, cultural ou pessoal.

Destaca-se entre as várias zonas de sentido o surgimento de um tempo livre, compreendido como um espaço temporal no qual o indivíduo pode dar vazão às suas expectativas, realizar determinadas atividades e não outras, e estas podem se refletir em desenvolvimento pessoal, integração social, descoberta da criatividade e individualidade.

Mesmo manifestando ideias e pensamentos em concordância com o que o tempo livre pode oferecer, os jovens perceberam que este significado gera uma ansiedade, onde o tempo livre é bom e o trabalho nem sempre, pois o tempo livre os aproxima de si, do seu desejo, mesmo que seja “nada fazer”.

Observamos de uma maneira consensual que há referência de tempo livre associado à resíduo de um outro tempo, o que resta de possibilidade para aproveitar ou deleitar-se. No grupo focal dos jovens as zonas de sentido descrevem uma particular tranquilidade em experimentar o tempo livre, mas já se encontram subordinados e pressionados às condições de controle e organização do tempo para o estudo e para o futuro.

Percebemos em vários momentos da pesquisa uma sensação de confusão acerca dos significados e experiências do tempo livre, talvez por não estarmos tão inseridos numa dimensão de tempo linear e estanque, na qual a possibilidade de pensar sobre isso

se apresenta estranha e distante das nossas necessidades humanas. A sociedade moderna e capitalista fragmenta a vida em tempo de trabalho e tempo livre, trazendo para as zonas de sentido a referência de que trabalho e tempo livre não são entendidos e nem vividos como experiências constantes e naturais e, sim, que o tempo livre remete a uma divisão de tempo do que resta, sobra, repleto de significados relacionados à perda, dúvida e insegurança. A vivência do tempo livre não está determinada ou definida como um tempo subjetivo e valorizado na construção do sujeito, ele é algo do que resta de um outro tempo.

Durante toda a pesquisa confirma-se a percepção de que o trabalho ainda carrega uma centralidade na vida das pessoas como uma grande possibilidade de organização social. Observamos que um dos desafios a serem enfrentados a partir dos dados colhidos é a mediação entre as necessidades humanas e a satisfação que se coloca o tempo do trabalho e o tempo livre. Na sociedade atual, tal como está organizada, é difícil encontrar na esfera do trabalho significado e sentido para o ser humano, visto que diante da reestruturação produtiva, não se sustenta o conceito de trabalho ligado à liberdade humana, à criatividade, mas sim trabalho como símbolo da subserviência humana. Sendo assim, devemos pensar numa possibilidade de recuperar a essência do trabalho para satisfazer às necessidades humanas de maneira mais ampliada, ou seja, onde o tempo livre se destaca como possibilidade de resistir às explorações e repensar novas formas de sociabilidades.

Entendemos que ao usufruir o tempo livre numa busca de realização do desejo destaca-se a possibilidade do sujeito cada vez mais se humanizar e poder se expressar numa perspectiva de construção de subjetividades mais emancipadoras, como destacadas em várias respostas dos diversos sujeitos pesquisados.

Pode-se verificar que as discussões e narrativas do tempo livre pelos diversos atores aqui demarcados denunciam no sentido de desejo e de auto-realização, uma íntima ligação com a experiência desse tempo livre.

No transcrever da pesquisa prevalecem, nos diálogos e debates, manifestações corpóreas de risadas e estranheza com a temática discutida. Nas zonas de sentido e significados mapeados, o tempo livre configura-se como um conceito e uma experiência distante de ser vivida na sua plenitude.

Em vários momentos da nossa coleta de dados encontramos significados que nos remetem à ideia de que quando fazemos o que gostamos, esta fragmentação do tempo

do trabalho para o tempo livre, é experimentado de uma maneira mais fluida, contínua, decorrente de uma vida mais intensa, planejada, ancorada.

Tanto nos idosos como nos jovens, observamos um conjunto de zonas de sentido e significados no que se refere à experiência de estar com o outro, ter amizades, se integrar socialmente, que muitas vezes esses momentos ficam reservados para os finais de semana ou nas férias.

“Quando vamos nos encontrar de novo? Adorei falar essas coisas. Aprendo muito, estou mais aliviada.” Aqui o significado de “aliviada” expressa um sentido de tempo livre como uma outra possibilidade de pensar a vida.

Confirmando as zonas de sentido e significados referenciados pelos jovens do grupo focal há uma discussão baseada na expectativa de um tempo que está por vir. Apesar deles perceberem este momento da vida como uma experiência de “tempo livre”, uma ambivalência se apresenta com frequência nas afirmações de bom e mau, certo e errado, prazer e censura. Sempre expressando um sentimento de dúvida acerca deste conceito e experiência: tempo livre. Mais uma vez percebemos zonas de sentido e significados que refletem o tempo livre como um momento desconectado da nossa formação humana.

A propósito das significações do tempo livre, tanto as redes conceituais focalizadas, quanto os primeiros memorandos da pesquisa, indicam uma constante: apesar das reapropriações e reconstruções, há um sentido prevalente, onde o trabalho aparece ainda como o processo central na compreensão da vida, percebendo que o viver, na verdade comparece como sobreviver, necessidade primária para manutenção da exploração do trabalho. Podemos analisar aqui, o viver no sentido mais orientado para a construção das nossas subjetividades e humanização e a sobrevivência está numa lógica mais do consumo (ganhando importância sobre a vida), das necessidades que deixaram de ser básicas para serem supérfluas. Aqui podemos observar um impasse importante na reflexão sobre o tempo livre, pois ainda prevalece uma dicotomia entre viver e o sobreviver, como por exemplo: *“tem que ter dinheiro para ter tempo livre”* (relacionado ao lazer).

Em contrapartida, nas entrevistas individuais onde as pessoas têm forma mais autogerenciáveis da sua produção de trabalho, nos memorandos e em certos conceitos discutidos, aparece algumas zonas de sentido, ainda germinais, referenciadas a modos de vida que se orientam por lógicas, outras, que não a do trabalho, como por exemplo, o

tempo livre ligado à corporeidade, cultura, poesia, natureza e qualidade de vida. Podemos observar que este poderá ser o devir das próximas gerações.

Entretanto, percebe-se que a discussão aqui proposta sobre o tempo livre necessita de maiores investigações para avançarmos na nossa busca de possibilidades de humanização e sociabilidades em um tempo social que proporcione autonomia e liberdade.

A pesquisa confirma que as pessoas (jovens, adultos e idosos) anseiam pelo tempo livre, mas há um descompasso nesta sensação de ansiedade, já que experimentar o tempo livre prevê uma liberdade e autonomia que, até então, tinham sido gerenciadas pelas condições adversas da formação para o trabalho (primeiro a obrigação depois o prazer). A autonomia e a liberdade, nas experiências do tempo livre, são os grandes desafios a serem enfrentados na busca da emancipação individual e social. Se as pessoas tivessem a possibilidade de decidirem sobre si mesmas e sobre as suas vidas, não estariam presas sempre às repetições mecânicas das mesmas coisas, e não se entediariam no tempo livre, como muitas vezes aparece mencionado nas discussões entre os idosos.

Este estudo desvelou uma visão e experiência fragmentada dos sujeitos pesquisados, orientadas em dois elementos interligados: o primeiro aponta para a estereotipia da compreensão social no que se refere à importância e centralidade do trabalho em nossas vidas, estabelecendo uma diferenciação entre a obrigação em detrimento do prazer ou do não fazer nada, vendo na experiência do tempo livre, um tempo preterido, distorcido ou simplesmente desprovido de significado na construção de novas subjetividades e constituição de um sujeito integrado e pleno; o segundo diz respeito à fragmentação do tempo de vida, ou seja, um tempo para sobreviver a partir do trabalho e um tempo que resta para viver o desconhecido e por hora baseado no fim, onde a utilidade do trabalho dá lugar à inutilidade ou inatividade do tempo livre, pois essa liberdade é desconhecida e exige uma decisão do sujeito e, não mais, do mercado de trabalho.

Essa distinção entre trabalho e tempo livre foi introjetada como uma lógica natural no consciente e inconsciente das pessoas. De acordo com essa lógica, o tempo livre tem como função repor as energias gastas nesse processo, para que o trabalhador possa fazer ainda melhor o seu trabalho, e por esse motivo, o tempo livre não deve jamais lembrar o trabalho. E é desse aspecto do tempo livre, que surge a inutilidade da

maioria das atividades exercidas durante ele - *tempo do nada fazer, preguiça, desperdício, ócio.*

Por essa razão, se faz salutar refletir que o lazer tem sido visto como sinônimo de atividade de consumo (empreendedorismos do lazer), experiência prevista pelas condições do capital, o qual impede que o homem realize o exercício da criatividade e da contemplação, imprescindíveis à existência do sujeito singular e sua participação transformadora na sociedade. Há aqui a necessidade de se pensar lazer como uma zona de sentido já descrita nas pesquisas, enquanto possibilidade de tempo livre na busca de novas sociabilidades e subjetividades.

Aliás, essa importância que a sociedade dá ao trabalho não veio de forma natural, mas sim, imposta pelas forças econômicas e com isso, confirma-se a consequência principal da redução significativa do tempo livre, individual e social. O sistema capitalista projeta ordens, regras, ações, pensamentos e sentimentos que modelam os novos modos das relações humanas e as relações sociais onde, muitas vezes, a subjetividade fica capturada e refém da ordem estabelecida.

Perante todos os dados e análises levantados e apresentados nesta pesquisa qualitativa queremos pensar o papel da psicologia social no sentido de intervir nas condições da formação para o trabalho, questionando o processo de adaptação social e mercadológica que atrofia a fantasia e a capacidade criativa que são condições importantíssimas para se pensar o tempo livre. O processo de adaptação imposto pelo sistema capitalista vigente exige que as pessoas renunciem à capacidade criativa anteriormente confirmada nessa pesquisa do qual emergem zonas de sentido e significados referenciando o muito tempo dedicado à adaptação ao trabalho e um resíduo de tempo para vivenciar o inusitado que advém do tempo livre.

Parafraseando os autores pós-modernos aqui destacados, esta pesquisa propõe pensar tempo livre como tempo de construção de liberdade, autonomia e tempo que emancipa o sujeito e que cria possibilidades para a sociedade crescer, desenvolver-se humanamente.

De Masi nos faz um grande alerta a respeito dos grandes debates desta pesquisa em relação à centralidade do trabalho e à possível proposta de repensar o tempo livre:

“Pretender hoje que o trabalho, como estruturado nos contextos industriais, seja a fonte principal de socialização e identidade significa

negar socialização e identidade aos cinco sextos da população mundial: às crianças, aos estudantes, às donas de casa, aos anciãos, aos nômades, aos desempregados, a todos aqueles que no Terceiro Mundo não têm familiaridade alguma com a categoria trabalho assim como entendido no Primeiro Mundo. E significa esconder que no trabalho excessivo não se encontram identidade e socialização, mas embrutecimento, marginalização, conflito e isolamento.” (De Masi, 1999, p.20).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sentido, significado, subjetividade são noções que podem permitir a compreensão da vida como um fluxo dinâmico e permanente de acontecimentos, analisando o desenvolvimento humano numa óptica omnilateral¹⁴, onde possam viver a formação, de maneira integrada, experienciando intensamente todas as esferas e possibilidades da vida, na construção e reconstrução de subjetividades.

Trabalho e tempo livre, como se vê, entrelaçam-se no que se pode chamar de cenário contemporâneo. As transformações da reestruturação produtiva, sobretudo aquelas provenientes do uso de novas tecnologias, vão incidir sobre o tempo e, ao instituírem novos regimes temporais, vão afetar a subjetividade. Como se vem acenando, trata-se, portanto, de novos modos de trabalhar, de novas configurações temporais, e de novos valores a respeito do tempo livre, objeto deste estudo.

Para expressar melhor as nossas discussões e debates até aqui levantados, encontramos no referencial teórico e nas premissas de análise marxista, as quais consideram o tempo de não-trabalho como substância de riqueza, de riqueza objetiva, e do tempo livre como riqueza subjetiva, um desafio a ser enfrentado no sentido de resistir e inverter o pressuposto do capital. Isto significa se ter no trabalho objetivado, uma plena capacidade dos indivíduos desenvolverem através de sua força produtiva, um tempo para si, fazendo-se a negação do valor imposto pelo capital somente dado ao trabalho em detrimento do valor do tempo livre.

O grande impasse e reflexão que sinalizamos nesta pesquisa está no cenário onde a criação do tempo livre ainda é objeto de posse de uma minoria, submetido à tendência inerente ao capital, de transformar esse tempo de não-trabalho em um tempo de trabalho excedente. Ainda percebemos que os trabalhadores, mesmo os aposentados, têm sido privados do tempo livre que o seu trabalho potencializa (ou), pela condição de sobrevivência do qual muito que produz e pouco possui, possa ser reapropriado por ele, no comando do seu tempo livre.

Apesar de alguns autores e pesquisas aqui destacados, apontarem na direção da reivindicação de menos trabalho (redução da jornada de trabalho), a pesquisa realizada e

¹⁴ (Frigotto, G., 2000, p.31)

as zonas de sentido referenciados apontam para o desafio de suprimir do trabalho as condições históricas de exploração e alienação, desarticulado de seu sentido humanizador e criador de sociabilidades mais integradas.

Os dados analisados neste ensaio sobre pensar o tempo livre confirmam que, ainda com sentido dicotômico e contraditório, o trabalho que pode vir a ser algo que cause prazer e satisfação, ainda é percebido como obrigação e sacrifício, distanciando-se do prazer e da liberdade. Para os autores pós-modernos essa distância pode ser questionada, já que é uma condição do sistema econômico vigente. Analisando junto a esses autores, para que não houvesse distância, deve ser colocado em debate a possibilidade de organizar o trabalho segundo as próprias intenções do indivíduo, experiência ainda germinal na atualidade.

A referência teórica aqui exposta delimita alguns desafios recorrentes para o entendimento do tempo livre, ou seja, a redução da jornada de trabalho para, por um lado, permitir uma reflexão sobre o tempo de trabalho, o autocontrole sobre o tempo de trabalho e o tempo de vida, e por outro, possibilitar o afloramento de uma vida dotada de sentido e subjetividades fora do trabalho, no tempo livre, desenvolvendo, sob bases inteiramente novas, um novo projeto de sociedade e sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente. (Antunes, 1999)

As vivências culturais, os hábitos adquiridos e os processos de socialização refletem-se no uso do tempo livre e este, reciprocamente, se expressa a partir de tais variáveis sociais. Assim, a maneira como o indivíduo desfruta o tempo livre se relaciona com a conjuntura social, cultural, econômica, ideológica e física na qual está inserido e inclui variáveis psicológicas individuais inerentes a este tempo social.

Esta dissertação é um ensaio de um estudo maior em analisar o tempo livre, compreendido como uma dimensão do desenvolvimento humano. Constitui-se como uma tentativa de interpretar o movimento histórico das transformações do mundo do trabalho, o processo de construção de subjetividades, considerada como parte de um todo, analisando-os em relação ao modo de produção, com o tempo de trabalho e consequentemente a proposta de novas sociabilidades e subjetividades no tempo livre.

Segundo os autores abordados podemos entender que o processo de subjetividade atravessa indivíduos, grupos, sociedades e coletivos. A subjetividade, aqui estudada, vai buscar a compreensão dos processos de produção de desejo, no sentido do sujeito estabelecer uma relação de expressão e criação na busca da sua singularização.

Face às discussões realizadas nesta pesquisa e o cenário complexo mapeado, ficou evidenciado que a noção de tempo refere-se a uma construção histórico-social, a um símbolo dos *habitus*¹⁵ por nós incorporados socialmente. Com a fragmentação dos tempos/espços sociais processada, sobretudo, nas modernas sociedades urbano-industriais, na qual a noção linear e padronizada do tempo foi rapidamente difundida. Conforme requerido pelo capitalismo industrial, a medida do tempo passa a ser, desta forma, um meio de exploração do trabalho humano.

Mas, desde que não seja considerado como um fenômeno isolado a serviço da lógica do capital, o tempo livre pode representar um importante elemento mobilizador de transformações em nossa sociedade, buscando compreender as complexas implicações sociais, políticas e culturais que influenciam as diferentes dimensões sociais na realidade atual.

O desenho metodológico que se adotou nesta dissertação é uma pesquisa do tipo qualitativa e de estudo exploratório para constar de zonas de sentido e significados na construção de memorandos. É uma pesquisa não experimental, não tendo a pretensão de testar hipóteses, mas apenas aprofundar em questões com relação ao tema, articulando questões conceituais acerca do tempo livre e seus desdobramentos na modernidade.

Por uma questão metodológica, o trabalho foi dividido em quatro blocos básicos, relacionados entre si, nos quais, o primeiro contempla a contextualização histórica do tempo livre, investigando a sua origem e evolução; no segundo bloco buscamos esclarecer alguns elementos da dicotomia entre o fazer e sentir, objetivo e subjetivo, trabalho e tempo livre; seguindo, o terceiro bloco implica pensar em consonância com outras pesquisas já realizadas sobre o assunto, diversos aspectos tomados pelo tempo livre e a sua história na construção de novas subjetividades e sociabilidades, observando-se uma íntima ligação entre a utilização do tempo livre e as condições de existência de uma determinada sociedade.

Completando as análises dos dados deste desenho metodológico, o último bloco apresenta a técnica do grupo focal como momentos de profunda reflexão possibilitando reviver situações na história de vida do sujeito no que se refere ao tema orientado e

¹⁵ O conceito de **habitus** foi desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdier. O *habitus* é o princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unitário, i.e. um conjunto unitário de pessoas, de bens e de práticas.

apresentado ao grupo. O estudo apontou a riqueza da técnica como instrumento para melhorar as relações interpessoais, vindo ao encontro da pesquisa qualitativa quando esta trabalha com o universo dos significados, das atitudes correspondendo a um espaço mais profundo das relações.

Creemos, com essa dissertação, estar ampliando a discussão sobre os pressupostos e as finalidades do *tempo livre* e os modos de produção da subjetividade.

É importante ressaltar que essa pesquisa não prevê uma conclusão, porque nada se fecha, principalmente se tratando do que chamamos tempo livre e a construção de novas subjetividades. A nossa intenção aqui, é a de, mesmo sem nos aprofundarmos na elaboração de uma proposta formal, objetiva, conduzir as nossas reflexões ao debate e apontarmos algumas perspectivas para sua transformação. Aqui apresenta-se um conceito de tempo livre repleto de imbricações e zonas de sentido na busca de uma vivência desse tempo em possibilidades mais humanizadas numa ampliação, criação e geração de novas necessidades, desejos e realizações.

8 REFERÊNCIAS

Albornoz, S. G. (2010). *Tempo livre e humanização: dúvidas e esperanças ante as novas possibilidades de lazer*. Caderno de psicologia social do trabalho. Vol.13, n.1. São Paulo.

Antunes, R. (1999). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Aquino, C. A. B. e M. & Oliveira, J. C. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, II(2), 479-500.

Araújo, G. P. & Ouriques, H. C.. (2009) *Estudo sobre o trabalho e o tempo livre no capitalismo contemporâneo: uma abordagem empírica*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, Vol.31, n.2. pp. 113-121.

Balestra, O. S. *A redução da jornada de trabalho e a defesa do tempo livre*. Recuperado em 12 de março, 2014, de <http://www.uniguacu.edu.br>.

Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Black, Bob (1998). *A Abolição do trabalho*. (eBook). A versão original inglesa está acessível em “The Disenchanted Workers Union” (<http://www.cat.org.au/dwu/>).

Boeira, Alexandra Regina. (2004). *O fenômeno do tempo livre frente as mudanças no mundo do trabalho na sociedade contemporânea*. Sociedade em debate, Pelotas, Vol. 10, 3 ed. pp. 121-134.

Chauí, M. (2000). Introdução. In Lafargue, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec e Editora da UNESP.

- De Grazia, S. (1966). *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Tecnos.
- De Masi, D. (Org.). (2000a). *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC.
- De Masi, D. (2000b). *Perspectivas para o trabalho e o tempo livre*. In: Serviço Social do Comércio/World Leisure and Recreation Association. *Lazer numa sociedade globalizada/Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, pp. 121-137.
- Elias, N. (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Frigotto, G. (2000). *A Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez.
- Gonçalves, S. & Marcelino, D. C. (2012). Momentos de tempo livre em um internato: a importância do lazer ativo. In Monteiro, R.C. & Gonçalves, S.M.(Org.) *Internato na formação agrícola*. Seropédica: Edur. p.77-98.
- Gorz, A. (1987). *Adeus ao Proletariado - para Além do Socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- Hobsbawn, E. (1982). *A Era do Capital*. São Paulo: Cortez Editora.
- Kurz, R. (2000). *A ditadura do tempo abstrato*. In: Serviço Social do Comércio/World Leisure and Recreation Association. *Lazer numa sociedade globalizada/Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, pp. 39-46.
- Lafargue, P. (1999). *O Direito à Preguiça*. São Paulo: Hucitec e Editora da UNESP.
- Latouche, S. (2009) *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mansano, Sonia Regina Vargas. (2009). *Transformações da subjetividade no exercício do trabalho imaterial*. Estudos e Pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, Ano 9, n 2, pp. 512-524.
- Marx, K. (1988). *O capital*. São Paulo: Nova Cultural.

Marx, K.. (1983). *O método da economia política*. In Marx, K. Contribuição para crítica da economia política. Lisboa: Estampa.

Marx, K. (1991). *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. 5ed. São Paulo: Nova Cultural.

Marx, K.. (1998). *O trabalho alienado*. In: Oliveira, P. S. (Org). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Unesp: Hucitec.

Mascarenhas, F. (2000). Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. *Revista Licere*, 1(3), pp. 72-89.

Munné, F. (1980) *Psicossociologia del tiempo libre: um enfoque crítico*. Mexico, DF: Trillas.

Ourives. Heçton Ricardo. (2006). *O tempo Livre no Capitalismo: uma abordagem crítica*. Revista da administração da FEAD - Minas – Vol. 3, nº 1, Junho.

Rey, Fernando G. (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo:Pioneira Thomson Learnig.

Rey, Fernando G. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning.

Santos, M. (2000). *Lazer popular e geração de empregos*. In: Serviço Social do Comércio/World Leisure and Recreation Association. *Lazer numa Sociedade globalizada/Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, pp.31-37.

Sarriera, J.C. & Paradiso, A.C.(org) (2012) *Tempo livre e lazer na adolescência: promoção da saúde, intervenção e pesquisa*. Porto Alegre: Sulina.

Sarriera, J.C. & Paradiso, A.C. (1990). *Um Discurso Sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento.

Souza, Elaine Cristina; Ribeiro, Daniela de Figueiredo. *Trabalho e subjetividade: a carto(foto)grafia como método investigativo da subjetividade de trabalhadores provenientes do setor calçadista*. Recuperado em 12 de março, 2014, de http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/318.%20trabalho%20e%20subjetividade.pdf.

Stake, R. E. (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam* – Porto Alegre: Penso.

Strauss, A. & Corbin, J. (2008) *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.

Sznelwar, Laert Idal; Uchida, Seiji; Lancman, Selma. (2011). *A subjetividade no trabalho em questão*. Tempo Social, Vol.23 (1), p.11.

Thompson, E. P. (1991). *O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*. In: Tomaz, T. S.. *Educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas. pp.44-93.

Tomamaselli, G. C. G. *Reflexões acerca do tempo livre*. Recuperado em 12 de março, 2014, de www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/guilhermecostagarciaTommaselli.